

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA**

JOÃO GUILHERME BAU BENEDITTI

**O PSICÓLOGO ESCOLAR E A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO
DE LITERATURA**

CAMPINAS

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

JOÃO GUILHERME BAU BENEDITTI

**O PSICÓLOGO ESCOLAR E A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO
DE LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Escola de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para a obtenção do título Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza.

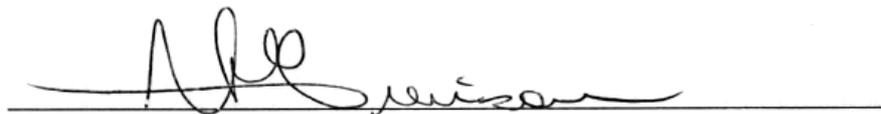
CAMPINAS
2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

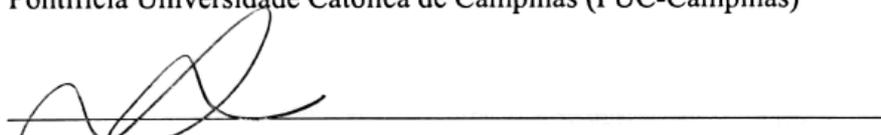
JOÃO GUILHERME BAU BENEDITTI

**O PSICÓLOGO ESCOLAR E A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

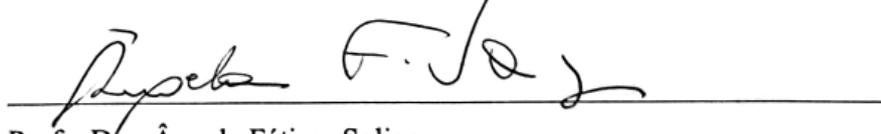
Dissertação defendida e aprovada em 11 de fevereiro de 2025 pela
Comissão Examinadora.



Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza
Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Profa. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Profa. Dra. Ângela Fátima Soligo
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B463p	<p>Bau Beneditti, João Guilherme</p> <p>O Psicólogo Escolar e a Prática na Educação : Uma Revisão de Literatura / João Guilherme Bau Beneditti. - Campinas: PUC-Campinas, 2025.</p> <p>85 f.</p> <p>Orientador: Vera Lucia Trevisan de Souza.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia Histórico-Cultural. 2. Trabalho. 3. Meio. I. , . II. Trevisan de Souza, Vera Lucia . III. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.</p>
-------	---

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mentora e orientadora, a Professora Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza, que me acompanha desde a época da graduação (e iniciação científica), há mais de oito anos, me incentivando e possibilitando o processo de aprendizagem sobre a Psicologia – e, conseqüentemente, sobre mim mesmo e sobre o mundo. A professora Vera foi responsável pelo meu interesse na pesquisa, e me apresentou o universo da Psicologia Escolar e Educacional, sendo a pedra angular para a existência da presente pesquisa. Ainda mais, graças ao encontro com o trabalho da professora Vera, pude descobrir os estudos de Lev S. Vigotski, assim como uma série de outros autores que desenvolve(ra)m uma Psicologia crítica e política, que busca compreender os processos do ser humano para além daqueles dados pelo ser biológico e processos mentais, ampliando-se também ao estudo da sociedade. O trabalho da professora Vera impacta e transforma a vida de tantos pesquisadores e alunos, tanto na universidade quanto nas escolas em que seu grupo de pesquisas atua, sendo impossível contemplar tal feito, apenas, por via desse agradecimento, porém, de qualquer maneira, quero ressaltar ao máximo o trabalho desenvolvido pela professora Vera, e agradecê-la por possibilitar a minha aproximação desse campo de estudo e de trabalho que me é tão caro. Poder participar dessa comunidade ressignificou minha relação com as ciências psicológicas, revelando potencial para compreender não somente o sujeito, mas sua história e cultura, e sem a orientação da professora Vera, eu nunca teria descoberto esse universo.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer aos meus companheiros do grupo de pesquisas - Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas (PROSPED) - por dividirem a trilha de pesquisa comigo, com todas as suas conquistas e desafios. E, gostaria de agradecer, principalmente, à minha amiga e companheira de pesquisa Ms. Marcela de Salles Macknight, que me acompanhou pessoalmente durante todo o processo – desde o ingresso no programa de pós-graduação até a finalização da escrita da presente pesquisa. A Marcela dispôs de seu tempo e energia (de bom grado) para me auxiliar em uma série de etapas durante a pesquisa, em nome do companheirismo e do apreço pelo processo científico. E, por isso, respeito-a imensamente como pessoa e pesquisadora, e sou eternamente grato pelo seu apoio como amiga e companheira de trabalho.

Ainda mais, gostaria de agradecer aos meus familiares pelo suporte emocional, e por investirem suas expectativas em mim ao longo dessa jornada, acreditando em minhas habilidades e no meu objetivo de pesquisa. Meus familiares acredita(ra)m na importância da

pesquisa que venho desenvolvendo, e sempre me incentivaram a continuar, mesmo durante os momentos difíceis - e, por isso, digo que, se cheguei aqui, é devido ao suporte que me manteve firme para que eu pudesse desenvolver o meu trabalho sem ter que me preocupar com certas dificuldades da vida. Portanto, dedico essa pesquisa também à minha rede de suporte, que, como os pilares de um edifício, mesmo que invisíveis, sustentam toda a estrutura.

E, por fim, agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que foi minha casa durante a graduação em Psicologia, e, agora, como palco para o meu desenvolvimento como profissional e pesquisador. A universidade me acolheu tanto no prédio da pós-graduação em que passei a maior parte do meu tempo - aprendendo a pesquisar junto aos meus colegas - assim como em sua biblioteca que, com seus funcionários sempre solícitos, possibilitou a encomenda de textos fundamentais para essa pesquisa, e a disponibilização de cursos para o aprofundamento em como realizar um levantamento bibliográfico comprometido e íntegro. A universidade sempre foi um local de inspiração e de encontrar pares tão interessados quanto eu pelos processos de ensino e aprendizagem – tornando o processo de pesquisa solidário e positivo.

Apesar da presente pesquisa carregar o meu nome como autor, ela foi desenvolvida e sustentada por tantas outras mãos que não, somente, as minhas – uma vez que, sem todas essas pessoas e instituições, nada disso seria possível. Portanto, meus sinceros e eternos agradecimentos a todos que fizeram parte dessa caminhada. Não tenho palavras que descrevam a minha gratidão e compaixão por todos que participaram desse processo, mas, ainda assim, reforço por via desse agradecimento o quão importante todas essas pessoas foram para o desenvolvimento da presente pesquisa. Obrigado!

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

RESUMO

A presente pesquisa vincula-se ao grupo “Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas (PROSPED)” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e se insere na linha de Pesquisa Intervenções Psicológicas e Processos de Desenvolvimento Humano. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que assume o método de revisão sistemática de literatura por metassíntese, buscando analisar artigos e legislações na área da Psicologia para responder ao seguinte problema: qual o trabalho do psicólogo na área escolar e/ou da educação no contexto brasileiro durante os últimos cinco anos (2019 – 2023)? Tal investigação se faz necessária devido à promulgação de duas leis fundamentais para a relação da Psicologia com a Educação: a Lei Nº 13.935/2019 - que “dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social para as redes públicas de educação básica”; e a Lei Nº 14.819/2024 que “institui a Política Nacional da Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares”. Uma vez passados cinco anos da promulgação da Lei Nº 13.935 em 2019, torna-se possível e necessário realizar uma síntese do trabalho do psicólogo no contexto escolar e educacional, e como esse trabalho se relaciona com o meio e com o contexto político enfrentado pelos profissionais da Psicologia. Para o levantamento bibliográfico, foram utilizados os bancos de dados “Periódicos CAPES” e “SciELO”, sendo que os artigos selecionados foram analisados a partir da perspectiva teórica da Psicologia Histórico-Cultural como iniciada por Lev S. Vigotski. Nos resultados, é apresentado um panorama sistematizado das ações de psicólogos atuando, atualmente, no contexto escolar e educacional, discutindo relações entre o trabalho (ou prática) e o meio (ambiente, social e político), favorecendo a compreensão contextualizada de como se encaminha o processo de consolidação da prática do psicólogo desde a promulgação das leis mencionadas anteriormente. Além disso, também busca-se inspirar a estruturação e manutenção de políticas públicas a partir de bases científicas, uma vez que, de acordo com a perspectiva teórica-metodológica do presente trabalho, a Psicologia não se dá como ciência neutra, e é determinada pelos sujeitos que a compõe, assim como o cenário político atual do país. Portanto, os esforços da presente pesquisa coadunam para compreender não, somente, quais têm sido as possibilidades de atuação dos profissionais da Psicologia, mas quais e como são os meios em que esses profissionais estão inseridos, considerando as características que definem a prática de cada psicólogo, assim como o local e a população atendida e se esse meio tem se desenvolvido.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Psicologia Histórico-Cultural, Trabalho e Meio.

ABSTRACT

This dissertation uses the resources from the research group titled as “Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas (also known as PROSPED)” as a part of the postgraduate program in Psychology of the Pontifícia Universidade Católica de Campinas. It also belongs to the line of research of Psychological Interventions and Human Development Processes. It is a qualitative research based on the method of systematic literature review by metasynthesis, aiming to analyze scientific papers and legislation in the field of Psychology to address the following research problem: what have been the role of the psychologist as a worker for the education system in Brazil during the last five years (2019 – 2023)? This investigation is necessary due to the enactment of two fundamental laws relating to the fields of study of Psychology and Education: Law N° 13.935/2019 - which "provides for the insertion of Psychology and Social Work services for public basic education networks"; and also Law N° 14.819/2024 which "establishes the National Policy for Psychosocial Care in School Communities". In 2019, five years after the enactment of Law N° 13.935, it became possible and necessary to conduct a synthesis about the work of psychologists for the education system, and how this work relates to the school environment and the political scenario. The databases utilized for the bibliographic survey were "Periódicos CAPES" and "SciELO (Scientific Eletronic Library Online)", and the articles were analyzed from the theoretical perspective of Cultural-Historical Psychology, created by Lev S. Vygotsky. The results shows a systematized overview, chosen as the approach to interpret the work done by psychologists as a part of the education system, discussing the relationship between work and the social and political environment, aiming for a contextualized understanding of how the consolidation of the psychologist's practice has progressed since the enactment of the laws mentioned above. In addition, the research seeks to inspire the maintenance of public policies based on scientific evidence, once that the theoretical-methodological perspective of this work believes that Psychology is not a neutral science and is determined by the political scenario of the country.

Keywords: Educational Psychology, Cultural-Historical Psychology, Labor and Environment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1 O Meio Escolar e Educacional.....	13
1.2 O Trabalho e a Prática.....	20
2. JUSTIFICATIVA.....	23
3. OBJETIVOS.....	25
4. MÉTODO.....	25
4.1 A Pergunta Norteadora e a Estratégia PICO.....	27
4.2. Os Levantamentos Bibliográficos.....	29
5. RESULTADOS.....	32
6. DISCUSSÃO.....	68
6.1 Práticas da Psicologia Escolar.....	68
6.2 A Comunidade Escolar.....	74
7. CONCLUSÃO.....	77
8. CRONOGRAMA.....	80
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
9.1 Referências para os Artigos Selecionados.....	83

“Quem luta com monstros deve velar por que, ao fazê-lo, não se transforme também em monstro. E se tu olhares, durante muito tempo, para um abismo, o abismo também olha para dentro de ti”.

Friedrich Nietzsche – Além do Bem e do Mal (1886)

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o “Manual de Psicologia Escolar Educacional” (CRP-08, 2007), a “Psicologia Escolar Educacional” (sic.) remonta ao século XIX, mas com enfoque no fracasso escolar, priorizando um determinado de aluno, e patologizando aquele aluno que não coubesse a regra. Em contradição, no modelo previsto, por exemplo, pela Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão), existe um contraponto ao modelo de educação tradicional/reformista, sendo que o modelo atual se atenta às possibilidades de desenvolvimento, e à subjetividade do estudante. A relação entre a Psicologia e a Educação se faz necessária como ferramenta para compreender não, apenas, o sujeito em si, mas seu contexto histórico e cultural – desta forma, criando estratégias para o desenvolvimento do aluno como parte de uma comunidade escolar.

Para autores como Marinho-Araújo (2010) e para a presente pesquisa, a Psicologia Escolar é a atuação do profissional da Psicologia atuando no contexto escolar, e busca criar estratégias para que o aluno se desenvolva em relação com o meio (natural/social), independente se este meio é uma escola de educação básica, ou uma instituição para medida socioeducativa, ou se o sujeito fala inglês ou português, a Psicologia Escolar parte do pressuposto que a Educação é um direito de todos, e luta pelo acesso e pela permanência do estudante. Isto é, o psicólogo na escola é uma coisa, e o psicólogo escolar é outra, por exemplo, quando um profissional da Psicologia visita o ambiente escolar para realizar uma observação com um aluno, ou para entregar uma folha de avaliação psicológica para uma professora, enfim, nesses exemplos do psicólogo na escola, estão à entrar na escola mas sem intuito de permanência, partindo de uma lógica de prestação de serviço. Esta faceta da Psicologia é necessária ao funcionamento das instituições e redes de ensino, porém, se distanciam do trabalho do psicólogo escolar, que é aquele profissional que está integrado à instituição escolar e/ou rede de ensino, e não à rede de saúde, ou de forma autônoma - para citar alguns antônimos.

Para não perder de vista a discussão a respeito do projeto para disponibilizar profissionais da área da Saúde para a Educação, *Lei nº 14.819* de 2024 pressupõe tal movimento, concorrendo, de tal forma à disputar recursos, *Lei nº 13.935* de 2019 que prevê a criação e inserção do psicólogo escolar ao Sistema de Educação.

Já a Psicologia Educacional, de acordo com Pinto e Amaral (2019) se define como aquela desenvolvida pelos profissionais da Psicologia atuando no papel de professores da área, independente da instituição, mas que este profissional ocupe um cargo de transmissor de conhecimento para futuros profissionais ou em formação. Aqui, ainda generaliza-se a ocupação de psicólogo educacional aos demais profissionais da Psicologia que estão

envolvidos nos processos de gestão (coordenação, diretoria, etc) - indispensáveis para qualquer instituição de ensino, e que, no caso do ensino superior, tendem a serem geridas por profissionais especialistas na área de ensino ofertada.

Quando pensamos na relação entre Psicologia e Educação e, especificamente, na atuação do psicólogo em um contexto educacional, pensamos ainda em uma relação anterior à ideia de psicólogo escolar (como um especialista), relação desenvolvida por nomes como Lev S. Vigotski e Jean Piaget, que viram no contexto escolar um terreno fértil para o estudo do “desenvolvimento humano” - assim como Alexei Leontiev, Melanie Klein, Donald Winnicott, e tantos autores que antecederam a Psicologia Escolar como técnica institucionalizada e regulamentada. Nesta história, o cenário brasileiro também contribui com nomes como Zilda Del Prette, Marilda Facci, Raquel Guzzo, Albertina Mitjans Martínez, entre tantos outros resgatados por Marinho-Araújo (1981), enquanto discute sobre as conquistas e desafios enfrentados por entidades como a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee), Grupo de Trabalho de Psicologia Escolar Educacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp) em seu trabalho “Psicologia Escolar: Pesquisa e Intervenção”.

O motivo da presente investigação sobre o psicólogo escolar se dá pelo interesse no ano de 2019 no Brasil, quando começou a ser regulamentada a inserção do psicólogo escolar e do assistente social nas redes públicas de educação, e este movimento se deu pelas: *Lei nº 13.935* (2019) que “dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social para as redes públicas de educação básica”; enquanto a *Lei nº 14.819* (2024) que “institui a Política Nacional da Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares” incentiva a prestação de serviços de psicologia clínica (ou, da Saúde), como na passagem “ampla integração da comunidade escolar com as equipes de atenção primária à saúde e de serviços de proteção social do território onde a escola está inserida” (Brasil, 2024). Ambas preveem a integração com a comunidade escolar¹, porém, é importante ressaltar a diferença entre integração e articulação, uma vez que atuar em interface com o Sistema de Educação é uma coisa, enquanto trabalhar no Sistema de Educação é outra coisa. Esta é uma defesa pela diferenciação entre o trabalho do psicólogo escolar e do psicólogo clínico atuando nas instituições de ensino.

¹ A comunidade escolar, de acordo com a *Lei nº 13.935* (2019), é considerada como sendo os “alunos, professores, profissionais que atuam na escola e pais/responsáveis pelos alunos matriculados na escola” (BRASIL, 2019).

Apesar da regulamentação recente da atuação do psicólogo no contexto escolar, esta relação já existe há décadas, como explicitado acima por alguns nomes da Psicologia Escolar no Brasil (e do exterior), e assim como com a chegada da *Lei N° 9.394* (1996) - que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional” e incorpora a dimensão psicológica do ser humano como parte fundamental a ser desenvolvida na infância:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Cap. 2; Seção 2; Art. 29.).

E, em:

IV - programas suplementares de alimentação, assistência médico-odontológica, farmacêutica e psicológica, e outras formas de assistência social (Cap. V-A; Título VII; Art. 71.) .

Contudo, qual tem sido a realidade enfrentada pelo psicólogo nos contextos escolares e educacionais desde a recente regulamentação da profissão? O objetivo da presente pesquisa foi analisar as demandas que têm sido postas à Psicologia Escolar nos últimos cinco anos, e se o prescrito nas recentes leis que instituem o serviço (2019-2024) responde a essas demandas.

“Tal como na questão da hereditariedade, o pedólogo estuda não o meio e as regras que o constituem, mas seu papel e significado, sua participação e sua influência no desenvolvimento da criança.”, como mencionado por Vigotski em “Quarta Aula: A Questão do Meio na Pedologia” (2010), estabelecendo alguns procedimentos para a análise do meio, que foram adotados pela presente pesquisa, e apoia-se na máxima de que deve-se estabelecer parâmetros de análise relativos, e não absolutos, concebendo o meio como aquilo que é interpretado pelo sujeito (e vice versa) - a depender da fase de desenvolvimento. Neste caso, quando se fala em meio, entende-se a relação (interpretação) do sujeito, e as condições que foram oferecidas pelo meio para o desenvolvimento do sujeito, sendo elas naturais ou sociais - o que demarca a diferenciação entre meio e ambiente. Ou seja, o meio como a soma das condições materiais e das possibilidades de interação do sujeito com estas condições - reforçando o aporte teórico materialista histórico-dialético, base para a ideia de um sujeito determinado historicamente e culturalmente (Vigotski, 2010).

Reforça-se a ideia de que o autor pensa no desenvolvimento do sujeito a partir das possibilidades de conceber seu meio, o que coloca a interpretação do meio como ferramenta de análise do pedólogo² (ou psicólogo) e, conseqüentemente, do psicólogo, como forma de entender sobre o sujeito, vai-se à fonte, pois, mesmo que as condições de desenvolvimento sejam muito parecidas, a experiência do sujeito é única, como exemplificado pelo autor:

Nós estamos lidando com três crianças trazidas da mesma família. As circunstâncias exteriores dessa família são as mesmas para todas as três crianças. Em essência, é uma situação muito simples. A mãe bebe e, pelo visto, sofre de transtornos nervosos e psíquicos por causa disso. As crianças se deparam com uma situação extraordinariamente difícil. A mãe, nos momentos de embriaguez ou nas ocasiões em que está tomada por esse transtorno, tenta atirar um filho pela janela, espanca-os, atira-os no chão. Em suma, as crianças vivem num estado de pavor e medo em relação a ela. Trouxeram-nos as três crianças. Cada uma delas tem um quadro completamente distinto de disfunção de desenvolvimento devido a uma mesma situação. A mesma circunstância resulta num quadro totalmente diferente nas três crianças.

É função do psicólogo analisar o meio como determinante para o desenvolvimento do sujeito, buscando compreender as condições históricas e culturais, para então, estabelecer sua relação com o sujeito. Isto é, o meio concebido como a experiência - ou *perejivanie* em Vigotski (2003) - do sujeito, desta forma, sendo definido para além das condições materiais (do ambiente), mas sim pelas características do meio - que não desconsidera o ambiente, mas sim como parte integrante do conceito de meio. O meio é composto por duas dimensões: a ambiental e a social – sendo que, ao compreender estas dimensões, possibilita-se a relação com o sujeito.

O meio como a história e cultura são significativos e simbólicos, compostos pela atribuição propriamente humana, contada por comunidades compostas por sujeitos particulares, sendo que, já o ambiente natural, independe dos signos e símbolos, existindo por si só, independente do ser, e muito menos do humano. O sujeito está contido no ambiente e no meio, sendo determinado por eles, sendo que o meio só tem significado a partir da interação com o sujeito, ao mesmo tempo que é o meio que ditará o desenvolvimento do sujeito. De

² Para além da citação de Vigotski (2010) na página 11, descrevendo, brevemente, o conceito de “pedólogo”, entende-se também como aquela categoria de profissionais que atua, de alguma forma, com a fase de desenvolvimento da infância e/ou juventude.

acordo com Vigotski (2010), “nesse caso, (o meio) desempenha o papel não de circunstância, mas de fonte de desenvolvimento”, diferente do ambiente. Portanto, “se não há no meio uma forma ideal correspondente, então, na criança, não se desenvolverá a ação”, Vigotski se refere ao meio como fonte de desenvolvimento humano, pois o ambiente, apenas, alimenta o corpo, mas o meio desenvolve o pensamento e a linguagem, tornando humano, humanizando.

Como em “Psicologia Pedagógica” (2003):

(...) o corpo - como sucede nos campos íntero e proprioceptivos - faz parte do meio social. O processo de formação das reações adquiridas e dos reflexos condicionados é ativo e bilateral; nele o organismo não está submetido apenas à influência do ambiente, mas também influi de certo modo sobre o ambiente e, através deste, sobre si mesmo, com cada uma de suas reações. Nesse processo bilateral, o reflexo pertence ao organismo; nesse caso, o reflexo é entendido como uma reação preparada, e ao meio pertencem as condições para o surgimento de uma nova [reação]. Mas, em cada caso, o processo de formação das reações depende do desenlace do combate entre o organismo e o meio.

Dito isso, o estudo do meio escolar e educacional por via da experiência do sujeito (psicólogo escolar) se configura como uma das tarefas principais da presente pesquisa, e, uma vez revisada a literatura, busca-se também sinalizar qual é este contexto escolar e educacional que o psicólogo escolar enfrenta atualmente.

1.1 O meio escolar e educacional

Quando se pensa no meio escolar e educacional, não é possível ater-se à realidade do ensino básico, e faz-se necessário expandir a compreensão deste meio como composto por diferentes instituições de ensino, diferentes profissionais e diferentes participantes – como instituições de Ensino Superior, Unidades Prisionais, Cursos Pré-Vestibular, que são habitadas por alunos, professores, gestores e demais profissionais que tornam de cada meio único.

Para além da constituição do meio escolar em suas dimensões territorial (da instituição) e humana (da comunidade escolar), é necessário pensá-lo como determinado politicamente, isto é, pensar na instituição para além de seus muros, sendo regida por decisões legislativas (ou leis e políticas públicas de Educação, de Saúde, de Segurança etc.) que afetam a instituição. Portanto, é parte do trabalho do psicólogo escolar pensar para além da atuação localizada, considerando o meio escolar e educacional como um meio natural, social e

político; neste cenário, o ambiente escolar se diferencia do meio escolar, e passa a representar uma única dimensão.

Com relação à determinação política do meio escolar, entende-se que as leis atuais (*Lei nº 13.935* de 2019 e pela *Lei nº 14.819* de 2024) concorrem no sentido de que a primeira tende a caracterizar o profissional da Psicologia como parte do Sistema de Educação, enquanto a segunda considera o Sistema de Saúde como prestador de serviços ao Sistema de Educação. Uma vez que a psicologia não é neutra, e partindo desse cenário de certa confusão com relação à natureza do trabalho do psicólogo escolar, fica em evidência a necessidade de investigação sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido por esses profissionais (atualmente) em meio aos projetos políticos pensados para eles - com o objetivo de analisar as demandas que têm sido postas à Psicologia Escolar nos últimos cinco anos, e se o prescrito nas recentes leis que instituem o serviço (2019-2024) responde a essas demandas.

O meio escolar e educacional coloca demandas ao profissional da Psicologia, que extravasam as barreiras, por exemplo, da técnica clínica em Psicologia, e impõem demandas que exigem do psicólogo o conhecimento sobre o cenário educacional, assim como estratégias pedagógicas e procedimentos escolares, como previsto na Resolução Nº 23, de 13 de outubro de 2022 que “Institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas; reconhece as especialidades da Psicologia”:

“A(o) psicóloga(o) especialista em Psicologia Escolar e Educacional:

- a) analisa e propõe intervenções psicológicas em processos de ensino-aprendizagem, de acordo com características de docentes, discentes, normativas e materiais didáticos usados em instituições de ensino e intervenções em processos formativos em outros espaços educacionais;
- b) promove, por meio de atividades específicas, o desenvolvimento cognitivo e afetivo de discentes, considerando as relações interpessoais no âmbito da instituição de ensino, da família e da comunidade;
- c) contribui com a promoção dos processos de aprendizagem, buscando, juntamente com as equipes multiprofissionais, garantir o direito a inclusão de todas as crianças e adolescentes; promovendo ações voltadas à escolarização do público alvo da educação especial;

- d) avalia os impactos das relações entre os segmentos do sistema de ensino no processo de ensino-aprendizagem e elabora, ouvindo professores e equipe técnica, procedimentos educacionais adequados à individualidade de discentes;
- e) oferece programas de orientação e de escolha profissional;
- f) trabalha de modo interdisciplinar com equipes de instituições de ensino, a fim de desenvolver, implementar e reformular currículos, projetos pedagógicos, políticas e procedimentos educacionais;
- g) usa métodos, técnicas e instrumentos adequados para subsidiar a formulação e o replanejamento de planos escolares, bem como para avaliar a eficiência de programas educacionais;
- h) propõe e implementa intervenções psicológicas junto às equipes das instituições de ensino, a fim de realizar os objetivos educacionais;
- i) orienta programas de apoio administrativo e educacional, bem como presta serviços a agentes educacionais;
- j) atua considerando e buscando promover a qualidade de vida da comunidade escolar, a partir do conhecimento psicológico.
- k) atua nas ações e projetos de enfrentamento dos preconceitos e da violência na escola, orientando as equipes educacionais na promoção de ações que auxiliem na integração família, educando, escola e nas ações necessárias à superação de estigmas que comprometam o desempenho escolar dos educandos.”

Conclui-se que o conhecimento do psicólogo escolar não se resume, por exemplo, à atuação clínica dentro de uma instituição de ensino básico, mas demanda que o psicólogo seja capaz de traduzir a prática em Psicologia para o contexto escolar e educacional em suas múltiplas apresentações, aproximando o psicólogo da figura de educador, e não da figura de médico (Groff e Moraes, 2022). Portanto, para a presente pesquisa, adota-se a terminologia de psicólogo escolar para se referir ao profissional de Psicologia atuando em contextos escolares e/ou educacionais, uma vez que a terminologia de psicólogo educacional se refere àquele profissional que capacita outros profissionais da mesma área, por exemplo, o professor e/ou supervisor.

Contudo, apesar da especialização do psicólogo para atuar em contextos escolares e educacionais, é importante ressaltar que as demais especializações em Psicologia também têm espaço nestes contextos, como ilustrado por Martínez (2010), o psicólogo pode atuar com as comunidades escolares de diferentes formas, sendo imprescindível que as políticas públicas

reconheçam e facilitem a atuação de equipes multidisciplinares nas escolas e demais instituições escolares e educacionais, que podem contar com o trabalho de outros profissionais da Psicologia, como disposto na Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 23 (2022) que prevê as especialidades de:

“Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; Neuropsicologia; Psicologia em Saúde; Avaliação Psicológica”

Afinal, é necessário garantir a intersecção entre as instituições escolares e educacionais, e as equipes multidisciplinares, isto é, que exista a figura do psicólogo escolar na instituição para realizar a integração entre as equipes da instituição e aquelas que vêm de fora. Por exemplo, no caso do desenvolvimento de um Plano de Ensino Individual (PEI) é necessário que uma série de profissionais externos à escola estejam no processo, considerando, avaliações psicológicas, psiquiátricas, fisioterapêuticas, fonoaudiológicas, e entre tantas outras possibilidades de intersecção que podem (e devem) estar em contato com a comunidade escolar - porém, sem substituir a figura do psicólogo escolar.

Pensando nas diferentes abordagens em Psicologia e na pluralidade de desafios impostos pelo contexto escolar e educacional, o trabalho do psicólogo pode variar em “número, gênero e grau”, mesmo dentro da própria atuação do psicólogo escolar, mas sem perder de vista a necessidade de especialização em Psicologia Escolar. Portanto, questiona-se: quais são as diferentes possibilidades de atuação do psicólogo escolar?

Atualmente, no Brasil, existem mais de 170 mil escolas e 40 milhões de alunos, de acordo com a Portaria nº 2.165 (2023) que “Divulga os resultados finais do Censo Escolar da Educação Básica de 2023”:

Figura 1. Print do site do Diário Oficial da União hospedado no in.gov.br.

ANEXO I												
Os resultados referem-se à matrícula inicial na Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio (incluindo o médio integrado e normal magistério), no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos presencial Fundamental e Médio (incluindo a EJA integrada à educação profissional) das redes estaduais e municipais, urbanas e rurais em tempo parcial e integral e o total de matrículas nessas redes de ensino. As matrículas da Educação Especial constam no Anexo II.												
Os resultados são apresentados por Unidade da Federação, em ordem alfabética, segundo os municípios.												
Unidades da Federação Municípios Dependência Administrativa	Matrícula inicial											
	Ensino Regular										EJA	
	Educação Infantil				Ensino Fundamental				Médio		EJA Presencial	
	Creche		Pré- escola		Anos Iniciais		Anos Finais				Fundamental	Médio
	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral		
BRASIL												
Estadual Urbana	393	1.585	43.948	1.164	1.310.811	129.370	3.414.586	783.384	4.528.143	1.042.463	190.455	628.031
Estadual Rural	1.492	222	8.515	183	107.415	6.089	197.728	19.780	307.728	47.543	32.589	47.097
Municipal Urbana	910.689	1.447.101	2.878.429	411.514	6.652.067	1.188.745	3.174.196	683.949	30.744	2.382	679.338	6.641
Municipal Rural	229.667	85.821	608.730	57.496	1.417.106	317.062	805.956	214.656	4.168	537	438.394	938
Estadual e Municipal	1.142.241	1.534.729	3.539.622	470.357	9.487.399	1.641.266	7.592.466	1.701.769	4.870.783	1.092.925	1.340.776	682.707

Fazendo um recorte para a realidade do trabalho do psicólogo escolar no estado de São Paulo (que é o meu contexto de trabalho e de pesquisa), desde 2019 até 2023, aconteceram uma série de reviravoltas, desde a licitação para empresas privadas prestando serviços para a rede estadual, até a contratação de 368 psicólogos para darem conta de cinco mil escolas estaduais. Por exemplo, durante a pandemia no ano de 2020, foi implementado um serviço de atendimento online da empresa Psicologia Viva para a rede estadual de São Paulo, e, após o encerramento do contrato com a empresa privada, as escolas voltaram a ficar sem assistência psicológica. Durante este período de carência, ocorreram nove ataques violentos em escolas ao redor do país, considerando que era época de retorno às atividades (aulas) presenciais após a pandemia, e não havia assistência por conta da lógica de prestação de serviço implícita ao modelo de licitação (com começo, meio e fim).

Esse contexto pressionou a implementação às pressas do programa “Psicólogas na Escola”, e que seja feita mais uma ressalva sobre esta experiência: os psicólogos estavam prestando um serviço à rede municipal de São Paulo através de uma licitação ganha pela empresa Med+ que ficou “responsável” por mais de cinco mil escolas, três milhões de estudantes e 250 mil professores (sem mencionar os demais atores da comunidade escolar), oferecendo, até aquele momento, 368 psicólogos.

Figura 2. Print de uma matéria de jornal como acessada pelo pesquisador em 28/08/2023 no site do Governo do Estado de São Paulo.

[Página Inicial](#) / [SP Notícias](#) / [Últimas Notícias](#) / Educação de SP dá início à contratação de 550 psicólogos

Educação de SP dá início à contratação de 550 psicólogos

Profissionais devem atuar presencialmente nas escolas estaduais no segundo semestre

Ter, 20/06/2023 - 19h11 | Do Portal do Governo

Como mencionado anteriormente, antes da estruturação do programa, foram registrados nove ataques em escolas no Brasil, por exemplo, como no caso que ocorreu no dia 27/03/2023 contra a professora Elisabete Tenreiro em uma escola estadual no estado de São Paulo: a vítima foi assassinada durante o ofício por um aluno - como reportado pelo portal online de notícias G1 (acessado às 22:00 horas no dia 27/03/2023). Curiosamente, a implementação dos dois programas supracitados (das empresas Psicologia Viva e Med+) se deu mediante a situações de calamidade, nestes casos, a pandemia de COVID-19, seguida por uma série de ataques violentos em escolas.

A partir desta série de ocorridos, e, agora, com a atuação do psicólogo escolar prevista em lei, tornou-se necessária a investigação sobre o trabalho deste profissional com o intuito de mapear as possibilidades (ou experiências) de atuação nos últimos cinco anos, uma vez que foram nos últimos cinco anos que se deram todas as situações supracitadas - seja de desenvolvimento e/ou de implementação das leis.

Faz-se necessária a investigação sobre a relação entre o meio e a prática do psicólogo, uma vez que o ambiente de trabalho define o sujeito, pois, a depender do trabalho, muda-se o salário, a tratativa entre os funcionários, o projeto de vida, a carga horária, os planos de carreira, enfim...são tantos aspectos do cotidiano determinados pelo trabalho que determinam a realidade material e subjetiva do sujeito, que se faz necessária a investigação sobre a relação entre meio e trabalho. Isto é, assumir a determinação do sujeito pelo meio, é assumir que, por exemplo, quem ganha menos, tem mais dificuldade em se desenvolver, uma vez que dinheiro significa acesso no mundo capitalista contemporâneo, portanto, o sujeito ser

determinado pelo meio significa ser determinado pela história e pela cultura - subjetiva, coletiva, natural, social e econômica. E, a inversão também se faz verdadeira e na mesma proporção: o meio é determinado pelo sujeito - uma vez que o ambiente, para qualificar-se como meio, depende da variável humana (subjetiva).

É importante ressaltar que, para a existência da presente pesquisa, foram necessários avanços que serão apresentados aqui a partir de um recorte, com o objetivo de contemplar o trabalho de outros pesquisadores na área. Por exemplo, Martínez (2010) que realizou uma revisão das possibilidades de atuação do psicólogo escolar no Brasil, ou Marinho-Araújo (2010) que investiga sobre a história da Psicologia Escolar e Educacional no Brasil. Para isso, vale ressaltar também as pesquisas que inspiraram de forma direta a presente pesquisa, sendo eles Paula e Vargas (2023), e Michelato e Rodrigues (2023).

Paula e Vargas (2023) contribuem no sentido de investigar as demandas impostas pelo ambiente escolar e educacional aos profissionais da Psicologia, dando destaque ao *bullying*, desinteresse e homofobia, assim como também estabelecer um panorama da inserção do psicólogo nas escolas Brasil afora após a promulgação da *Lei nº 13.935* (2019). As autoras ainda se ocupam de expor as atualizações feitas na lei supracitada, como no excerto a seguir:

Para os próximos passos, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), solicitaram aos Conselhos Regionais de Psicologia e de Serviço Social que promovam diálogos junto aos parlamentares dos seus respectivos estados para que apoiem a implementação do financiamento da Lei 13935/ 2019 para a contratação das/os profissionais de psicologia e serviço social (CFP, 2020).

Já em Michelato e Rodrigues (2023), os autores resgatam as menções à Psicologia em leis que se relacionam com a Educação, trazendo documentos como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a *Lei nº 13.935* (2019), traçando uma linha do tempo até chegar no documento elaborado pelo CFP/CFESS (2022) com orientações para a regulamentação da *Lei nº 13.935* de 2019 (que era a mais recente naquele momento), e mostrando como existe um movimento de inserção do psicólogo na escola, mas que também existem empecilhos a regulamentação da profissão de psicólogo escolar, como mencionado pelos autores:

Essas discussões envolvem uma adesão profunda em todo o país, com o objetivo de vincular essas iniciativas ao FUNDEB. Além disso, é importante conquistar o reconhecimento de trabalhadores da educação, como estabelecido pela Lei nº

14.113/2020, que institui o FUNDEB como uma garantia de recursos para a política educacional brasileira. Isso ocorre em meio a dificuldades consideráveis de financiamento, destacando a absoluta necessidade desse serviço e trabalho a ser realizado em conjunto com os educandos e suas famílias em todo o Brasil, conforme indicado no documento produzido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) em 2022.

Reforçando, a presente pesquisa segue na mesma trilha de investigação que Paula e Vargas (2023), e Michelato e Rodrigues (2023), buscando compreender o trabalho do psicólogo escolar a partir das políticas atuais, e, neste caso, com o diferencial de focar na atuação do psicólogo em contextos para além das instituições de ensino básico - por exemplo, o ensino superior, o curso pré-vestibular, as instituições de medida socioeducativa, entre outras instituições de ensino que contam com a presença do psicólogo, e que são compostas por diferentes comunidades, desafios e possibilidades.

1. 2 O trabalho e a prática

O conceito de “trabalho” faz parte das produções de Vigotski, e aparece em momentos centrais na escrita do autor, como em “Sobre o Problema da Psicologia do Trabalho Criativo do Ator” (1999) e, principalmente, em Psicologia Pedagógica (2003), assim como ocupa lugar de destaque nas obras de autores como Leontiev, Karl Marx e Friedrich Engels – consolidando a base para a Psicologia de Vigotski, que é também conhecida como Psicologia Histórico Cultural (PHC). A presente pesquisa não vai se ocupar da retomada histórica do conceito de trabalho e suas variações, mas pretende demarcar quais são as concepções adotadas.

O trabalho como categoria ontológica é como todo o esforço empreendido pelo sujeito para transformar a natureza, de acordo com Marx (2023), o trabalho pode ser considerado como qualquer esforço humano, seja para caçar um coelho ou para bater pregos repetidamente em troca de dinheiro (apesar de ocuparem categorias diferentes de trabalho), afinal, o que define o trabalho não é, apenas, a prática em si (ou operação, técnica), mas a intencionalidade (o objetivo aliado à prática) e a sua relação com o meio.

Primariamente, o trabalho está relacionado à sobrevivência, e faz com que o sujeito desprenda de tempo e de energia fisiológica para realizá-lo, partindo de uma técnica específica. No sistema capitalista, idealmente, o trabalho está associado a uma função (ou cargo) remunerado - seja a partir de alimentos, abrigo, dinheiro etc. A partir da lógica

capitalista, conseqüentemente, quando exercendo seu emprego (função, cargo), este sujeito está inserido também em um ambiente de socialização, gerando valor para si e/ou para o outro, como mencionado pelos autores:

Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais. Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios.

Agora, falando especificamente da categoria de "trabalho" como compreendida por Vigotski, é representada de forma a priorizar a interação do sujeito com o meio - e, vice-versa - estabelecendo relação de sobrevivência e de identidade do (e para o) sujeito, isto é, perante si mesmo e os demais.

Vigotski em *Psicologia Pedagógica* (2003) conceitua propriamente sobre o trabalho, e discute sobre a consciência na sociedade de classes como marcada pela diferença de oportunidades gerada pela lógica capitalista (de remuneração pela mão de obra alienada), uma vez que o dinheiro gera diferentes oportunidades, o que aponta para a ideia de que o psiquismo não é um processo natural, mas que depende de uma série de oportunidades do meio para se consolidar como processo humano. Esta perspectiva demarca o desenvolvimento humano como processo determinado socioeconomicamente, lidando com a diferença de classes como uma questão de saúde pública. Ou seja, a depender do meio, o sujeito tem diferentes oportunidades para desenvolver suas habilidades, sendo que o próprio sujeito também impõe suas possibilidades e limitações ao meio.

Contudo, existe uma série de outras possibilidades de conceituar o trabalho, sendo que a presente pesquisa se incube de entender o trabalho do psicólogo escolar em relação ao meio, e a partir do recorte do "vocabulário técnico" que, como mencionado por Vigotski, é definido como "a soma dos procedimentos e movimentos utilizados, com frequência", neste caso, no contexto escolar e educacional por via do psicólogo escolar, como no texto "Sobre o Problema da Psicologia do Trabalho Criativo do Ator" (1999):

(...) Novas investigações começam a envolver a profissão do ator no círculo comum de investigações da psicologia das profissões, trazendo à linha de frente a

abordagem psicotécnica ao ofício do ator. O problema usualmente no centro das atenções é como certas qualidades gerais e traços de talentos humanos seriam desenvolvidos para certificar a pessoa de que tenha seu sucesso na área do trabalho teatral criativo. Testes foram criados para estudar a fantasia, o sistema motor, a memória verbal e a excitabilidade dos atores e, nesta base, um “profissiograma” do trabalho do ator é construído de acordo com exatamente o mesmo princípio pelo qual são construídos os análogos psicogramas, para quaisquer outras profissões; então, de acordo com o registro de qualidades estabelecidas, as pessoas são selecionadas para aquela profissão que melhor corresponde ao registro.

Claro, feita a ressalva de que Vigotski está se referindo ao ofício do ator, para a presente pesquisa, é de interesse o procedimento de “psicograma” desenvolvido pelo autor, transpondo tal procedimento para o contexto da Psicologia Escolar. O interesse é compreender quais têm sido as qualidades (no sentido qualitativo) do trabalho desenvolvido por cada profissional contemplado pelo levantamento bibliográfico da presente pesquisa. Isto foi feito a partir de um levantamento bibliográfico composto por 22 artigos a serem analisados com o fim de compreender algumas experiências de psicólogos escolares no contexto da Educação brasileira.

Portanto, antes de falar do trabalho como categoria de análise, faz-se necessário uma elucidação a respeito da parte integrante deste conceito: a “prática” (ou *praktika*, em russo) como exposto por Vigotski (2003) em seu trabalho “Psicologia Pedagógica”, que elucida a respeito da definição de trabalho e de suas partes integrantes. O autor acredita na prática como a capacidade do ser humano de manipular o meio a partir de sua necessidade e através de instrumentos. Isto é, a prática se revela a partir de uma necessidade natural do ser humano de intervir na natureza para sua sobrevivência, desenvolvendo uma série de procedimentos que resultam em um conhecimento pragmático e replicável. Ainda é importante ressaltar que a “prática” (tradução) pode ser decomposta em: operação (ou ação); função (“com o intuito de”); e aporte teórico-metodológico (planejamento).

Portanto, a análise feita na presente pesquisa a respeito do trabalho do psicólogo escolar se ancora na sistematização da relação entre o trabalho do sujeito e o meio, isto é, busca-se compreender a prática do psicólogo escolar em relação com cada contexto escolar e educacional apresentados nos artigos levantados.

Após a elucidação a respeito do conceito de trabalho investigado por Vigotski, ainda se faz necessária a elucidação do que se entende pela Psicologia Histórico-Cultural (PHC) que foi desenvolvida por esse autor, sendo que podemos encontrar tal conteúdo no livro “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem” escrito por Leontiev, Luria e Vigotski (2010). Os autores segmentam a PHC entre três categorias: “instrumental”, “cultural” e “histórica”.

Quando os autores se referem à primeira categoria, querem trazer à tona a constituição do sujeito a partir da capacidade de simbolização e atribuição de significado a estímulos ambientais (próprios do ambiente e do ser natural), inaugurando um sujeito simbólico, dotado de linguagem e de pensamento. Isto é, o meio natural em si não dispõe de signos, símbolos, e (muito menos) de significados, afinal, sendo essas atribuições feitas pelos humanos a fenômenos naturais.

Já no caso da categoria “cultural”, os autores reforçam o papel do meio social (ou relacional) no qual o sujeito se desenvolve, sendo que cada cultura apresenta diferentes meios para a interpretação da realidade e atribuição de significados - tornando cada meio social único. A linguagem é um exemplo claro que demarca as diferenças entre os diferentes instrumentos desenvolvidos por cada cultura, e que impactam diretamente na existência e na qualidade das relações.

Por fim, a categoria “histórica”, é apresentada como a generalização da categoria da “cultura”, uma vez que se refere às diversas etapas (fases ou facetas) de transformação sofridas por uma determinada cultura, resultando em sua versão mais recente, originada de uma série de processos anteriores. Os autores reforçam que, para compreender (a Psicologia de) o sujeito, é necessário compreender sua história (individual e coletiva) e sua cultura (específica de seu recorte natural, social e econômico).

2. JUSTIFICATIVA

No ano de 2023, eu estava atuando em uma escola estadual - através do mesmo grupo de pesquisas ao qual me vinculo atualmente - e percebi que, ali na escola, eu poderia observar a atuação dos meus colegas psicólogos em campo, e minha própria prática em relação à comunidade escolar. Tive a possibilidade de voltar minha atenção para as diferentes estratégias adotadas pelos profissionais, e como eram customizadas para cada cenário. Esta oportunidade me fez perceber o quão complexo (e específico) é o trabalho do psicólogo escolar, e a influência do contexto no desenvolvimento de cada intervenção. Muda-se: a

disposição (*layout*) da sala de aula, os participantes (podendo variar entre os integrantes da comunidade escolar), os recursos disponibilizados pela escola, o período em que o psicólogo está na escola...são tantas variáveis que desafiam o psicólogo escolar a reinventar seu método - a ponto de se adaptar ao ambiente, mas não a ponto de descaracterizar sua prática. Portanto, tive a possibilidade de experienciar a prática do psicólogo a partir de suas semelhanças e diferenças com outros profissionais (da mesma área e/ou contexto) - ainda mais por conta do grande fluxo de profissionais nesta instituição escolar em que eu estava inserido.

Ainda nessa mesma escola, durante uma conversa com um membro da gestão, fui informado de que a escola tinha recebido há, pelo menos, dois meses, mais um profissional de Psicologia - só que, desta vez, como parte do programa estadual “Psicólogos na Educação”. Eu, curioso, questionei a respeito da eficácia do programa, recebendo a resposta de que o serviço não funcionava como o esperado, e que a gestora pensava que o problema poderia ser a demanda atribuída ao psicólogo do programa, que era excessiva e impossibilitava-o de atender a escola de forma constante e como um todo – uma vez que o profissional visitava a escola, somente, de forma quinzenal ou, por vezes, mensal.

O mestrado veio para me ensinar a pesquisar, principalmente, com relação ao trabalho de revisão de literatura, pois percebi que uma via de aprender a fazer pesquisa é através da leitura de outros trabalhos científicos. Foram dois anos de aprendizado a respeito de como tratar as referências, os softwares de gerenciamento e análise de dados, e tantos outros meandros da revisão de literatura que aprendi com essa jornada. Portanto, resalto o estudo do procedimento de pesquisa como grande parte do esforço empenhado ao longo do desenvolvimento desta dissertação. E, para além do aprendizado com relação aos procedimentos de pesquisa, também tive a oportunidade de aprender sobre a atualidade da Psicologia em relação com contexto escolar e educacional, e sinto que a escolha da revisão de literatura se deu pela minha vontade de entender, antes de tudo, o que tem sido produzido neste cenário que pretendo explorar ainda mais daqui para frente.

Considerando a atualidade do tema da inserção do psicólogo escolar no Sistema de Educação (uma vez promulgadas as leis que regulamentam essa atuação), faz-se necessário compreender as estratégias atuais adotadas por esses profissionais, assim como em quais contextos que esses profissionais têm atuado - buscando enriquecer a literatura a partir da disposição de possibilidades de atuação do psicólogo. A esperança também é de inspirar profissionais que estão atuando (ou se formando) na área - assim como em áreas relacionadas, possibilitando o criticismo com relação aos recursos que têm sido disponibilizados a esses profissionais, sejam estes de natureza legal ou do contexto escolar e educacional.

3. OBJETIVOS

Geral:

- Analisar as demandas que têm sido postas à Psicologia Escolar nos últimos cinco anos, e se o prescrito nas recentes leis que instituem o serviço (2019-2024) responde a essas demandas.

Específicos:

- Levantar e analisar as pesquisas na área da Psicologia Escolar (ou Educacional) nos últimos cinco anos;
- Relacionar as demandas colocadas pelas pesquisas com o prescrito nas leis;
- Refletir sobre as possibilidades de atuação crítica em Psicologia Escolar, em consonância com as demandas do contexto escolar e como prática efetiva da área.

4. MÉTODO

Feitas as considerações a respeito do aporte teórico adotado na presente pesquisa, vale discorrer a respeito do método e sobre as categorias de análise (trabalho e meio) que serão utilizadas como base para a interpretação dos resultados, entendendo que, somente assim, será possível ter uma perspectiva integral sobre a relação entre o trabalho do psicólogo escolar e o meio escolar e educacional. Portanto, a presente pesquisa busca analisar os dados a partir da contextualização sobre a prática do psicólogo escolar - considerando quem são os autores, o local da pesquisa e quais os procedimentos adotados para (tentar) sanar a demanda - buscando padronizar a investigação e disponibilização das informações levantadas.

É importante ressaltar que, uma vez que o sujeito não existe de forma isolada de seu contexto histórico-cultural, somente, em situações de laboratório, a análise será realizada de forma a considerar o trabalho, sempre, em relação com o meio, e não de forma isolada. Afinal, os elementos, quando analisados de forma isolada, assumem outras estruturas quando em interação com o ambiente. Serve como via de ilustração uma metáfora usada por Vigotski (1995) no livro “Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores” em que o autor apresenta uma condição de análise (da molécula de água):

(...) busca, sin embargo, sus partes componentes con la condición de que cada parte conserve las propiedades del todo. Por ejemplo, al analizar el agua, la molécula H será un elemento objetivamente real del agua aunque infinitamente

pequeno por su volumen, será homogéneo por la composición. De acuerdo con este fraccionamiento, las partículas del agua deben considerarse como elementos esenciales de la formación que se estudia. El análisis estructural estudia esos elementos reales objetivamente existentes, y se plantea como tarea no sólo la de segregarlos, sino también la de exponer los nexos y las relaciones entre ellos que determinan la estructura de la forma y del tipo de actividad originados por la agrupación dinámica de tales elementos.

O método da revisão de literatura consiste em manipular centenas (quando não milhares) de produções que provém de diferentes contextos socioeconômicos, políticos, linguísticos, etc. Nesse caso, o intuito da revisão de literatura consiste em manipular produções científicas sem distanciá-las de seu contexto, mas, ainda assim, sendo capaz de relacioná-las com outras produções. Portanto, o trabalho do pesquisador é enxergar a unidade assim como as partes que a constitui.

Compete-nos afirmar que os conceitos cunhados por Vigotski não se encerram em si mesmos, pois fazem parte de uma teoria que está em constante atualização, estando ancorada no pensamento e na linguagem. Em Vigotski (1999):

A nova abordagem à psicologia do trabalho criativo do ator é caracterizada, em primeiro lugar, pela busca de superar o empirismo radical das duas teorias e compreender a psicologia do ator em toda singularidade qualitativa de sua natureza, mas à luz de padrões psicológicos mais gerais. Ao mesmo tempo, o aspecto factual do problema assume um caráter diferente – de abstrato, ele se torna concreto. Se no passado o testemunho de um ator ou outro, ou de uma época ou outra, foi sempre considerado do ponto de vista da natureza eterna e imutável do teatro, agora os investigadores abordam um dado fato principalmente como um fato histórico que é finito e que deve ser compreendido acima de tudo na completa complexidade de sua condição histórica. A psicologia do ator é formulada como um problema da psicologia concreta, e muitos irreconciliáveis pontos de vista de lógica formal, contradições abstratas de vários sistemas, identicamente reforçados por dados fatuais, são explicados como uma contradição histórica viva e concreta das diferentes formas de trabalho criativo do ator, o qual se modifica de época para época e de teatro para teatro.

Para as etapas de levantamento, categorização e análise sistemática das produções foi escolhido o método da metassíntese, que possibilita a análise de dados qualitativos, como entendido por Faria e Camargo (2022):

O objeto de revisão da metassíntese não são as pesquisas propriamente ditas, mas os relatórios dessas pesquisas, que são criteriosamente analisados e interpretados com a finalidade de obter um novo nível de síntese, que congregue e sustente os conceitos de cada um desses estudos (Matheus, 2009; Sandelowski, 2012). Os resultados apresentados em uma metassíntese não podem ser encontrados em outros estudos, visto que não são a mera síntese de achados, mas oferecem uma integração que é fruto da interpretação conjunta de todos os estudos analisados, consistindo em uma unidade coerente. Desse modo, sua validade não reside em uma lógica de replicação, e sim, em uma lógica interpretativa, única e particular de cada pesquisador (Sandelowski e Barroso, 2007).

Portanto, entende-se a metassíntese não como um procedimento de análise dos dados levantados, mas como o método para o levantamento bibliográfico em si, ou seja, a adoção de procedimentos para o desenvolvimento da pergunta norteadora, da escolha dos descritores (a partir de bases de dados científicos), o levantamento dos artigos propriamente ditos (a partir de bases de dados científicos), a seleção dos artigos (a partir de critérios de inclusão e exclusão), o fichamento dos artigos que foram lidos na íntegra, e a estratégia de análise dos resultados que foram categorizados de acordo com as categorias de trabalho (especificamente, a *praktika*) e de meio.

Contudo, optou-se por não aplicar o procedimento de cegamento à literatura levantada, pois, neste caso, considero valiosas as informações sobre o(s) autor(es) e o local de publicação, pensando na compreensão dos artigos de forma contextualizada, assim como para a análise do conteúdo - uma vez que não estamos analisando, por exemplo, os resultados quantitativos de um *clinical trial*, mas sim, buscando compreender a qualidade da atuação dos profissionais e dos programas de Psicologia (dados qualitativos), que é diretamente influenciada pelo contexto.

4.1. A pergunta norteadora e a estratégia PICO

Considerando a pergunta norteadora como o referencial para a estruturação da revisão de literatura, é necessário que a pergunta seja feita de forma sistemática, como sinalizado por Santos et al. (2007): a pergunta deve sintetizar os objetivos da pesquisa, e cada

palavra deve ser escolhida com intencionalidade - sendo etapa preliminar e fundamental ao processo de revisão sistemática de literatura (e, quiçá, de qualquer tipo de pesquisa). É a partir da pergunta norteadora que o pesquisador se propõe a pensar em quais são os objetivos e em como resolvê-los. Para isso, será utilizada a estratégia PICO, que possibilita a estruturação da pergunta norteadora de pesquisa.

A estratégia PICO estabelece um procedimento para a construção da pergunta norteadora de pesquisa, garantindo que esteja alinhada com a realidade da pesquisa, isto é, o pesquisador passa a alinhar a pergunta com a disponibilidade de ferramentas e de tempo, delineando um objetivo realista. A estratégia PICO se ramifica entre quatro tópicos, sendo eles: o **Problema**, a **Intervenção** (ou fenômeno de interesse), o **Controle** (ou comparação) e os **Outcomes** (resultados ou desfechos).

Portanto, vide abaixo as respostas - feitas as devidas adaptações - para os critérios de elaboração da pergunta de pesquisa de acordo com a Estratégia PICO:

- **Problema:** falta de uma revisão de literatura a respeito da prática do psicólogo escolar em outros contextos para além da escola desde a *Lei nº 13.935* de 2019;
- **Intervenção:** O trabalho do psicólogo escolar como estudado por psicólogos-pesquisadores (uma vez que os registros feitos por pesquisadores garantem a veracidade dos dados);
- **Controle:** Aqui, entende-se por “controle” aqueles critérios (de inclusão e de exclusão) utilizados para a seleção das produções que foram lidas e analisadas na íntegra. Durante o momento de levantamento bibliográfico, foi feita a comparação entre diferentes resultados obtidos nas bases de dados;
- **Outcomes:** sistematizar as possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar.

A partir da aplicação da estratégia PICO, foi possível chegar à seguinte pergunta norteadora de pesquisa: **Qual o trabalho do psicólogo na área escolar e/ou da educação no contexto brasileiro durante os últimos cinco anos?**

Para além da sistematização da pergunta norteadora, espera-se também implementar uma adaptação do procedimento de *Open Data* e *Open Materials* - como interpretado por Henrique Castro Martins no blog “SciELO em Perspectiva: Humanas” (2020): “se refere à possibilidade de acessar livremente, sem restrições técnicas ou legais, todos os dados e demais materiais utilizados em uma pesquisa científica.”. Desta forma, para além do compartilhamento dos dados, também serão incorporadas imagens (ou print-screens) ao corpo do texto com o intuito de enriquecer a experiência do leitor, aproximando-o do

processo da pesquisa. Neste caso, a solicitação por dados e materiais pode ser realizada através do e-mail: jbeneditti@gmail.com - como *exports* do gerenciador de referências, assim como arquivos contendo os fichamentos das produções selecionadas.

4.2. Os Levantamentos Bibliográficos

Os levantamentos foram realizados na SciELO (Scientific Electronic Library Online, ou “Livraria Científica Eletrônica Online”) e nos Periódicos CAPES, partindo dos bancos de descritores DeCS (Descritores em Ciência da Saúde) da BVS-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia), sendo que para a organização da literatura e busca por duplicatas utilizou-se o software *EndNote Reference Manager*.

Os critérios de inclusão que foram utilizados no banco de dados SciELO e Periódicos CAPES foram:

- Coleções: Brasil
- Idioma: português;
- Ano de publicação: 2019 - 2023;
- Citável;
- Revisados por pares;
- Artigos;
- Disponíveis em “full-text” de forma gratuita.

Foram selecionados artigos que mostravam - para além do trabalho do psicólogo como pesquisador - a atuação do psicólogo dentro do contexto escolar e educacional. Ou seja, foram descartados artigos que não estabeleciam a relação entre o trabalho do psicólogo e o ambiente escolar e educacional. Por exemplo, um artigo pode ter sido escrito por um psicólogo que decidiu realizar uma avaliação psicológica entre os estudantes, mas, em nenhum momento, este profissional se envolveu e/ou gerou reflexão entre os alunos (privando, de certa forma, os participantes do processo da pesquisa), atuando como um pesquisador que coleta dados, mas não interfere em seu campo de pesquisa. Esta não é a atuação de um psicólogo escolar, mas sim de um psicólogo na escola, resultando na exclusão desse tipo de pesquisa do corpus.

E, que seja feito um adendo sobre estas pesquisas não incluídas: a exclusão não diz respeito à qualidade do pesquisador ou sua pesquisa (de postura mais “distante”), mas, como não refletem, especificamente, sobre a atuação do psicólogo escolar, então, não foram selecionadas

Outro movimento de levantamento bibliográfico que foi realizado, foi o levantamento bibliográfico por conveniência, para encontrar as produções que compõem a base teórica desta dissertação, principalmente, aquelas referências utilizadas na Introdução Teórica, na Discussão e nas Considerações Finais. Para isso, buscaram-se referências que já discutem, por exemplo, os conceitos de “trabalho”, “meio” e/ou sobre as “Lei nº 13.935 de 2019” e “Lei nº 14.819”.

Ao total, foram três momentos de levantamentos bibliográficos, partindo de diferentes combinações de descritores, os descritores a seguir representam (somente) o primeiro momento de levantamento bibliográfico - na tentativa de obter resultados que relacionassem a Psicologia e a Educação nos bancos da SciELO e Periódicos CAPES. Para isso, foram utilizados quatro pares de descritores diferentes:

- “TRABALHO” AND “PSICÓLOGO”;
- “TRABALHO” AND “PSICÓLOGOS”;
- “TRABALHO” AND “PSICÓLOGA”;
- “TRABALHO” AND “PSICÓLOGAS”.

Foram feitos os uploads dos resultados ao software *EndNote* com o intuito de identificar as duplicatas, sendo que, ao total, foram obtidos 131 artigos ao total (somando os resultados das quatro buscas), dos quais 31 eram duplicatas, ou seja, 100 artigos foram considerados a partir desse primeiro momento. Esse procedimento foi replicado em todos os momentos.

No segundo momento de levantamento bibliográfico, foi utilizada uma nova combinação de descritores com o intuito de ampliar a busca pela relação entre o trabalho do psicólogo e o contexto da Educação, sendo que foram escolhidos os (outros) descritores:

- “PSICOLOGIA” AND “TRABALHO” AND “educação”.

Neste segundo momento, as condições da busca foram as mesmas citadas anteriormente (para o primeiro momento de levantamento), com exceção da combinação dos descritores. Os resultados foram 81 artigos.

Em um **terceiro levantamento**, e último, voltaram 119 artigos a partir do uso de três pares de descritores diferentes:

- TRABALHO AND PSICOLOGIA ESCOLAR;
- TRABALHO AND PSICOLOGIA EDUCACIONAL;
- TRABALHO AND PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL.

Ao final da etapa de levantamento bibliográfico, os resultados das três buscas foram integrados no EndNote, sendo que somaram 300 artigos em que 196 foram apontados como duplicatas, totalizando 104 artigos para a verificação dos critérios de exclusão. No momento de verificação dos critérios de exclusão, realizou-se a leitura do título, do resumo, da biografia (ou currículo Lattes) dos autores, e do QUALIS da revista - isto, com o intuito de identificar se:

- A. as produções eram da área da Psicologia e da Educação
- B. os autores eram da área da Psicologia e/ou da Educação
- C. se as produções estavam publicadas em uma revista relacionada às áreas de Psicologia e/ou Educação.

Produções que não cumpriram com tais critérios foram categorizadas de acordo com o motivo do descarte, como a seguir:

- Assistência Social - 03 artigos;
- Educação - 10 artigos;
- Letras - 01 artigo;
- Outros países que não o Brasil - 02 artigos (Portugal, México);
- Psicologia de Tráfego (ou do Trânsito) - 01 artigo;
- Psicologia do Esporte - 03 artigos;
- Psicologia em desastres e emergências - 01 artigo;
- Psicologia em Saúde, Clínica ou Hospitalar - 16 artigos;
- Psicologia Organizacional e do Trabalho - 03 artigos;
- Trabalhos de tipo teórico (*surveys* e biografias) - 42 artigos - são pesquisas que discutem a formação do psicólogo, assim como levantamentos bibliográficos sobre a atuação do psicólogo, artigos biográficos, e/ou produções que discutem sobre a psicologia escolar, mas que não propõe um modelo de atuação do psicólogo no contexto escolar.

Neste processo, 82 artigos foram desconsiderados, restando 22 artigos para leitura na íntegra e análise. Contudo, antes da seção de análise (ou Discussão), os resultados do momento de levantamento bibliográfico serão dispostos em formato de fichamento, como a seguir:

5. RESULTADOS

A disposição das informações no fichamento se deu a partir dos seguintes critérios:

- Nome;
- Autor;
- Ano;
- Natureza da pesquisa;
- Local (recorte espacial);
- População;
- Intuito do psicólogo na escola.

É importante ressaltar que este recorte para o recolhimento dos dados se deu baseado nas informações que seriam utilizadas na etapa de Discussão (ou análise), no sentido de que buscou-se apanhar informações sobre o trabalho do psicólogo em si (a prática), assim como sobre o meio, como a seguir:

Fichamento 1.

Artigo	Sentido pessoal, atividade de estudo e educação artística: um estudo de caso
Autor(a)	- Asbahr, F. d. S. F.
Ano	2019
Natureza da pesquisa	Pesquisa de campo
Aporte teórico- Metodológico	<ul style="list-style-type: none">- Psicologia Histórico-Cultural;- Observação participante em sala de aula;- Entrevista com 10 alunos;- Encontros com a professora de artes.
Local (recorte espacial)	<ul style="list-style-type: none">- Interior Paulista;- Ensino Básico (Escola municipal de ensino fundamental I).
População	<ul style="list-style-type: none">- Dez alunos de um quinto ano;- Duas professoras desses alunos.
Intuito do psicólogo	Investigar a atribuição de alunos de significado à atividade e à ação de estudo

Asbahr (2019) investiga a atribuição de sentido à atividade de estudo com foco no desenvolvimento de atividades artísticas durante a disciplina de Artes em uma escola pública municipal. Foi realizada uma pesquisa de campo que procedeu através de observações-participantes em uma sala de aula do quinto ano, além de entrevistas com alunos e com as professoras. Foram observadas sete aulas de educação artística, e duas dessas aulas foram também com outra professora regular da turma. Essas experiências (das observações e das entrevistas) foram registradas em diário de campo, e, posteriormente, analisadas pela autora.

O pressuposto teórico-metodológico adotado por Asbahr (2019) é a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, que é apresentado pelo movimento de decomposição da totalidade do fenômeno em categorias de análise que descrevem o fenômeno – relacionando essas categorias de forma dialética, ou seja, compreendendo-as de forma indissociável e determinadas pelo sujeito e o meio. Partindo desse pressuposto, a autora busca relacionar o sentido pessoal atribuído ao ensino e aprendizagem de Artes pelos alunos e professores, partindo da análise da atividade de estudo e das ações de estudo, e traz à tona algumas contradições que diz respeito às possibilidades das Artes como meio de desenvolvimento do sujeito, mas em um cenário escolar que impõe limitações aos alunos e professores - seja pela carga horária, carência de recursos ou pelo currículo conteudista.

A pesquisadora e psicóloga escolhe a sala de aula por considerar este ambiente privilegiado para o estudo do desenvolvimento humano, e a escolha da aula de Artes por conta do aporte teórico-metodológico da pesquisa, que é ancorado em uma abordagem que valoriza a Arte como modo de expressão e meio de desenvolvimento. Ainda mais, a pesquisadora exerceu a função de questionar e instigar a reflexão em meio aos estudantes e professores - apesar da postura de observadora, ainda assim havia participação durante da aula, sendo uma presença anunciada.

Por fim, a pesquisa identificou que a organização pedagógica das professoras, como a clara definição de regras e a valorização do trabalho dos alunos, foram fundamentais para o desenvolvimento dos alunos, partindo da construção de um ambiente colaborativo. Conclui-se que a organização pedagógica das professoras determina o processo e o caminho da aprendizagem - nesse caso, por via de estratégias como a criação de um coletivo de trabalho entre os alunos no qual a colaboração e a ajuda mútua eram incentivadas, refletindo a importância de um ensino que valorize a expressão individual e a interação social. Por exemplo, uma das professoras notou que as crianças estavam agitadas durante uma aula

expositiva, então optou por oferecer atividades como pintura ou desenho – e, isso sugere uma demanda por um ensino que valoriza a prática artística e a liberdade de expressão.

Fichamento 2.

Artigo	Pesquisa-ação na formação em Educação Física: Promoção do trabalho colaborativo
Autor(a)	- Avila, L. T. G. - Frison, L. M. B. - Simão, A. M. V.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	- Pesquisa-ação; - Entrevistas; - Discussões em grupo; - Interações em uma plataforma online.
Local (recorte espacial)	Ensino Superior (Universidade pública da região sul do Brasil)
População	Doze estudantes do curso de Educação Física que estavam cursando os estágios dos sétimo e oitavo semestres
Intuito do psicólogo	Fazer refletir a respeito dos desafios advindos do Ensino Médio

Avila, Frison e Simão (2020) investigam a importância da pesquisa-ação na promoção do trabalho colaborativo entre estagiários de um curso de Educação Física em uma universidade pública no Brasil. O estudo envolveu doze estagiários com o intuito de discutir e solucionar problemas enfrentados durante seus estágios, especialmente, no que diz respeito à prática pedagógica.

A pesquisa-ação permite que os integrantes de um grupo tenham um espaço participativo no processo de pesquisa, possibilitando a análise crítica das práticas educativas/pedagógicas adotadas - com o intuito de melhorá-las por meio de ciclos de planejamento, ação, observação e reflexão. No contexto deste estudo, a pesquisa-ação foi estruturada em quatro etapas: (1) planejamento de possíveis melhoras na prática pedagógica, (2) ação para a implementação dessa melhora, (3) monitoramento e descrição dos efeitos gerados pela ação e (4) avaliação dos resultados alcançados.

Avila, Frison e Simão (2020) identificaram várias demandas durante a pesquisa-ação com os estagiários de Educação Física: primeiramente, foi observado que alguns estagiários enfrentam dificuldades em aceitar as opiniões e feedbacks dos colegas sobre suas práticas pedagógicas, o que indicou uma resistência à colaboração e à troca de experiências. Além disso, notou-se que a participação e o interesse dos estagiários nas atividades do grupo variaram, sendo que alguns demonstraram maior dedicação e pertencimento do que outros - o que impactou a eficácia das intervenções. Além disso, a pesquisa-ação promoveu um ambiente em que não havia hierarquia, permitindo que todos os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências e buscar ajuda. Os momentos de estudo e discussão em grupo também foram considerados fundamentais para que os estagiários pudessem identificar diferentes abordagens para os desafios encontrados na prática pedagógica, contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia.

Por fim, a pesquisa destaca a relevância da pesquisa-ação como um método eficaz para a formação de professores de Educação Física, promovendo um ambiente colaborativo que não só melhora as práticas pedagógicas, mas também contribui para o desenvolvimento profissional dos estagiários, preparando-os para os desafios da profissão. Os autores ainda sugerem que futuras pesquisas possam explorar outros aspectos da formação docente, assim como o impacto de métodos colaborativos na aprendizagem dos alunos.

Fichamento 3.

Artigo	Metodologias orientadas para problemas a partir das etapas do pensamento crítico
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none">- Casiraghi, B.- Aragão, J. C. S.
Ano	2019
Natureza da pesquisa	<ul style="list-style-type: none">- Relato de experiência;- Intervenção em sala de aula a partir de metodologias educacionais orientadas para problemas.
Local (recorte espacial)	<ul style="list-style-type: none">- Ensino Superior (Universidade);- Disciplina de Psicologia Escolar no curso de licenciatura de Ciências Biológicas.
População	Nove estudantes universitários
Intuito do psicólogo	<ul style="list-style-type: none">- Compreender o processo de tomada de decisão e a presença de pensamento crítico em meio aos estudantes;- Conscientizar os alunos sobre o processo de tomada de decisão e sobre o pensamento crítico.

Casiraghi e Aragão (2019) investigam uma experiência com nove alunos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, utilizando metodologias orientadas para problemas, e estruturadas em três etapas: (1) análise de argumentos, (2) explicação do problema e (3) tomada de decisão. Os autores abordam a importância de integrar a teoria e a prática no ensino superior, especialmente, no desenvolvimento do pensamento crítico voltado para a resolução de problemas e tomada de decisões.

Durante a atividade, os alunos foram divididos em grupos e escolheram problemas reais enfrentados em sala de aula, como a hiperatividade de alunos e a falta de motivação. Em seguida, os alunos analisaram o problema, e fundamentaram suas explicações com base na literatura científica sobre o tema, escrevendo textos argumentativos a respeito desse tema. Os alunos foram incentivados a listar possíveis soluções e discutir suas vantagens e desvantagens. Como fim da atividade, houve também um momento para a apresentação das conclusões de cada grupo, e a aplicação de um formulário individual de reflexão sobre a própria atuação e a atuação do grupo.

Dessa forma, os autores concluem que a metodologia de pesquisa escolhida ajudou os alunos a entenderem a prática docente, uma vez que os alunos indicaram que a atividade foi fundamental para aprender a lidar com problemas reais - o que destacou a importância de uma formação que articule a teoria e a prática.

Fichamento 4.

Artigo	Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none"> - Cunha, G. G. - Oliveira M. C. S. L. - Branco, Â. U.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Inspirada na Psicologia Cultural e em pressupostos da criminologia crítica; - Roda de conversa (em sete encontros de uma hora e meia).
Local (recorte espacial)	Unidades de Internação (SINASE) do Distrito Federal
População	18 adolescentes homens em final de medida socioeducativa de internação - considerando que eram três menores de idade, enquanto o restante estava entre os 18 e os 21 anos. Quase todos (menos um) participantes residiam em bairros periféricos. E, apenas dois dos participantes estavam no ensino médio, o restante estavam no ensino fundamental
Intuito do psicólogo	Refletir sobre a medida socioeducativa de internação

Cunha, de Oliveira e Branco (2020) investigam as experiências e as percepções de adolescentes em situação de medida socioeducativas, destacando a criminalização da pobreza e a falta de oportunidades educacionais como fenômenos relacionados à internação. O artigo enfatiza a importância de criar espaços de diálogo que permitam aos jovens narrarem suas histórias e refletirem sobre suas experiências, o que pode possibilitar a superação do estigma que associa a criminalidade à pobreza - isto envolve, por exemplo, o estigma de “bandido”.

Foram realizados sete encontros com três grupos de adolescentes, onde a participação dos jovens foi registrada e analisada posteriormente. O material coletado foi

organizado em sequência cronológica e analisado através de três modalidades de leitura: vertical, horizontal e transversal - permitindo uma compreensão aprofundada dos significados produzidos em cada grupo (e entre os grupos). Os encontros foram estruturados para promover diálogos autênticos em que os adolescentes puderam expressar suas experiências e reflexões sobre suas vidas, contribuindo para a construção de novos sentidos e formas de atuação no cotidiano.

Durante as rodas de conversa, os adolescentes expressaram o desejo de serem tratados a partir do respeito e da compreensão, indicando uma possível violação prévia de seus direitos básicos, como os de acesso à educação e à oportunidade de emprego. Foram amplamente discutidas a falta de acesso a cursos profissionalizantes, e a percepção de que a internação é, apenas, uma punição (sem valor educativo), sendo que muitos adolescentes afirmaram que “não aprendem nada” e que a unidade se assemelha a uma prisão.

Fichamento 5.

Artigo	Psicologia Escolar e população LGBTI+ no ensino superior: um relato de experiência
Autor(a)	- Fernandes Filho, A. - Oltramari, L. C.
Ano	2021
Natureza da pesquisa	- Relato de experiência profissional/pessoal; - Criação de folhetos, campanhas de conscientização e um curso de capacitação.
Local (recorte espacial)	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
População	Comunidade da universidade (discentes, docentes e funcionários)
Intuito do psicólogo	Busca por um ambiente universitário menos LGBTI+fóbico

Fernandes Filho e Oltramari (2021) investigam a importância das políticas públicas brasileiras de inclusão, como a Lei nº 12.711 de 2012, que reserva vagas para diversos grupos minorizados (ou que buscam por maior representatividade), que inclui a população LGBTI+.

Como narrado pelos autores sobre o contexto da pesquisa, a equipe da CDGEN (Coordenadoria de Diversidade Sexual e Enfrentamento da Violência de Gênero) é um exemplo de uma iniciativa criada (em 2016) para o enfrentamento à LGBTIfobia, e que promove os direitos da população LGBTI+, sendo composta por psicólogos e estagiários, e caracterizada por atividades de acolhimento e orientação para estudantes que enfrentam situações de violência. Ainda mais, a CDGEN realiza atividades de sensibilização e combate à LGBTIfobia, assim como o acolhimento de seus membros. Entre essas ações, destaca-se a criação de um curso de capacitação intitulado “Gênero e Diversidade no Ambiente Universitário”, que buscou sensibilizar professores e técnicos administrativos sobre as questões de gênero e sexualidade.

Fernandes Filho e Oltramari (2021) utilizam a Psicologia Escolar Crítica como método, que busca compreender o fenômeno do fracasso escolar como uma produção do sistema educativo, e determinado por processos históricos de desqualificação e discriminação social. As ações dos pesquisadores buscaram promover problematizações sobre o tema de políticas inclusivas, contemplando as novas expressões sexuais e de gênero.

Os autores ainda discutem sobre as universidades como espaços que ainda são pouco explorados por psicólogos escolares e educacionais, o que intensifica a necessidade por práticas que promovam o acolhimento e o combate à LGBTIfobia. O trabalho dos psicólogos é enxergado como sendo fundamental para a construção de um ambiente universitário inclusivo, composto por sujeitos que respeitem a diversidade e combatam a discriminação.

As práticas emergentes descritas no documento visam não apenas a permanência dos estudantes LGBTI+ na universidade, mas também a promoção de um espaço de acolhimento e de respeito às identidades de gênero e orientações sexuais. Isto é, o relato evidencia a necessidade de ações contínuas e coletivas para garantir que as universidades se tornem ambientes seguros e inclusivos para todos os estudantes.

Fichamento 6.

Artigo	Consultoria em Psicologia Escolar: Relato de Experiência em Curso Pré-Vestibular
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none">- Hamann, C.- Consoni, M.- Alcântara, R.- Gamalho, A.- Dipp, R. P.
Ano	2019
Natureza da pesquisa	<ul style="list-style-type: none">- Relato de experiência;- Pesquisa etnográfica.
Local (recorte espacial)	Curso pré-vestibular público
População	Estudantes do curso pré-vestibular
Intuito do psicólogo	Promover a reflexão entre alunos e funcionários sobre: o papel da psicologia na escola, a relação da comunidade escolar com o local e os integrantes do curso e os processos de ensino-aprendizagem.

Hamann et al. (2019) investiga sobre uma pesquisa-intervenção realizada em um Curso Pré-Vestibular, e vinculada a um Serviço Escola de Psicologia de uma universidade privada em Porto Alegre (RS). O intuito principal da consultoria foi instrumentalizar as escolas, criando dispositivos que minimizassem problemas existentes, e que promovessem a saúde mental de forma descentralizada. O método adotado pelos pesquisadores foi a etnográfica, permitindo um entendimento contextualizado do meio escolar e das especificidades do processo de ensino-aprendizagem. As intervenções foram divididas em três etapas: (1) reconhecimento do local, (2) desenvolvimento de um planejamento coletivo, e (3) acompanhamento individual e em grupo.

Os autores (e estagiários que desenvolveram a pesquisa) frequentaram a organização por uma semana, interagindo com alunos e funcionários, buscando compreender a dinâmica do local e as demandas educacionais. Essa etapa revelou a necessidade de desconstruir a visão da Psicologia como, apenas, um suporte para demandas clínicas, uma vez que muitos professores e alunos viam a Psicologia como uma solução para "alunos problema". Ainda se destacou a busca por um ensino horizontalizado, e a necessidade por

espaços de escuta que se distanciasse da abordagem clínica, promovendo um ambiente de reflexão e de troca entre os alunos e os professores.

Hamann et al. (2019) buscaram criar um espaço onde os alunos pudessem expressar suas preocupações e expectativas com relação ao vestibular, além de discutir suas trajetórias pessoais e projetos de vida. Além do mais, buscaram relativizar a figura do "aluno problema", promovendo um ambiente colaborativo onde os alunos pudessem se conhecer melhor e construir uma rede de apoio. Por fim, foi ressaltada a importância de uma abordagem integrada e colaborativa na Psicologia Escolar e Educacional, onde os envolvidos possam compartilhar da responsabilidade pela saúde mental e pelo processo educativo.

Fichamento 7.

Artigo	Educação especial, Psicologia e políticas públicas: o diagnóstico e as práticas pedagógicas
Autor(a)	- Kranz, C. R. - Campos, H. R.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	Estudo de caso
Local (recorte espacial)	4º ano em escola da rede municipal de ensino de Natal/RN
População	Um aluno com deficiência
Intuito do psicólogo	- Analisar o caso de um estudante com deficiência e os processos que o envolvem, visando compreender quais as limitações e possibilidades do psicólogo escolar mediante o trabalho com laudos e diagnósticos; - Discutir educação especial e possibilidades de inclusão tanto para a psicologia quanto para a pedagogia.

Kranz e Campos (2020) investigam as políticas públicas, e as práticas diagnósticas e pedagógicas na educação especial - com foco naquelas que determinam o trabalho dos psicólogos e dos professores. A pesquisa se deu a partir da análise do caso de Roberto - um aluno de nove anos com o diagnóstico de deficiência intelectual, que foi considerado pelos autores da pesquisa como um sujeito que possibilita a discussão sobre as práticas educacionais inclusivas, assim como sobre diagnósticos e seus impactos na vida

escolar de crianças com deficiência (e, claro, considerando Roberto como um sujeito dentro de seu contexto específico, mas que possibilita a generalização por méritos de estudo).

Os autores argumentam que a abordagem predominante nas políticas e práticas educacionais é a visão clínica e individualizada, considerando o insucesso escolar como responsabilidade do aluno - o que favorece a interpretação da realidade do aluno a partir dos sintomas clássicos do diagnóstico em detrimento dos fatores contextuais e sociais. Essa perspectiva leva à infantilização dos alunos, determinando a relação do sujeito com a instituição e seus membros – assim como as oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento.

Kranz e Campos (2020) ainda destacam que a utilização de diagnósticos clínicos, quando realizados de forma distante do meio escolar, não incluem orientações pedagógicas que poderiam enriquecer o processo de ensino, colocando o diagnóstico como aspecto central da relação com o sujeito, que acaba por reforçar uma visão negativa e limitante da deficiência – além de contribuir para a medicalização e para a estigmatização do aluno. A falta de informações detalhadas nos laudos (como a ausência de orientações sobre o trabalho pedagógico), compromete a inclusão efetiva de alunos com deficiência nas salas de aula.

Vygotsky é citado para enfatizar que o desenvolvimento cultural e as interações sociais são fundamentais para compensar as deficiências orgânicas, sugerindo que a educação deve ser inclusiva e centrada nas potencialidades do aluno. E, conclui-se que é essencial uma mudança nas práticas pedagógicas e nas políticas públicas, com o intuito de promover uma abordagem que valorize a inclusão e a diversidade, em vez de perpetuar a visão clínica e individualizante da deficiência. A formação de professores e psicólogos deve incluir uma compreensão crítica das políticas e legislações pertinentes, para que possam atuar de maneira mais eficaz e inclusiva no ambiente escolar.

Fichamento 8.

Artigo	Refletindo sobre o cotidiano acadêmico: uma experiência no Instituto Tecnológico de Aeronáutica
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none">- Lacaz, C. P. d. C.- Telles, M. M.- Santos, M. M. L.
Ano	2023
Natureza da pesquisa	Pesquisa-intervenção
Local (recorte espacial)	Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)
População	Estudantes do ITA
Intuito do psicólogo	<ul style="list-style-type: none">- Discutir com os discentes sobre experiências da graduação;- Desenvolver procedimentos de intervenção.

Lacaz, Telles e Santos (2023) investigam sobre a experiência do grupo "Reflita", desenvolvida no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), e com o intuito de promover encontros para a discussão de temas relevantes à graduação - visando a reflexão coletiva sobre as normas acadêmicas e sua aplicação no cotidiano escolar. A iniciativa foi idealizada a partir da observação de que muitos docentes demonstravam desconhecimento (ou entendimento impreciso) das normas acadêmicas, e que isso poderia impactar a experiência dos alunos. Os encontros do grupo foram planejados para ocorrer quinzenalmente, utilizando documentos legais vigentes como ponto de partida, além da experiência dos participantes. Os temas abordados incluíram discussões sobre o afastamento dos alunos da instituição, como o trancamento ou suspensão da matrícula, além de questões relacionadas ao dia a dia na sala de aula – principalmente, no que diz respeito às disciplinas. A proposta dos autores também buscou integrar a cultura e as normas do ITA com novos docentes (que ingressaram no ano de 2018), considerando que a maioria deles já possuía experiência em outras instituições de ensino superior.

Para além das discussões citadas acima, durante os encontros também houve interesse em discutir protocolos de ação para situações de crise emocional entre os alunos, reconhecendo que a transição para o ensino superior pode ser desafiadora, especialmente, para

aqueles que se afastaram de suas famílias e mudaram de cidade. Portanto, atendendo às demandas, os autores da pesquisa também ofereceram momentos de capacitação aos professores sobre como lidar com alunos em crise, enfatizando a importância da escuta e do acolhimento.

Foi realizada uma pesquisa de opinião ao final do primeiro ano do Reflita, e os resultados indicaram um bom nível de satisfação entre os participantes, com destaque para o tema do aconselhamento, que foi considerado o mais apreciado. A continuidade do projeto foi fortemente apoiada, evidenciando a necessidade de um espaço de diálogo que permita abordar as complexidades das normas acadêmicas e suas repercussões emocionais.

Em conclusão, a experiência do Reflita não promoveu, apenas, a melhor compreensão das normas acadêmicas, mas também fortaleceu as relações entre docentes e alunos, que resultaram em um ambiente colaborativo e reflexivo dentro do ITA. A iniciativa se mostrou válida ao integrar aspectos legais à prática cotidiana, contribuindo para um ambiente de trabalho prazeroso e para a formação acadêmica consistente.

Fichamento 9.

Artigo	Serviço de Psicologia Escolar na rede municipal de educação de Fortaleza (CE): primeiros resultados
Autor(a)	- Lima, E. N. - Iasmin, M. da C.
Ano	2022
Natureza da pesquisa	Revisão integrativa de caráter qualitativo
Local (recorte espacial)	Rede municipal de Educação de Fortaleza (CE)
População	12 psicólogos escolares do Serviço de Psicologia Escolar (SPE)
Intuito do psicólogo	Analisar a implementação do serviço de Psicologia (que se dá a partir de atendimentos clínicos em formato de “plantão psicológico”)

Lima e Iasmin (2022) investigam a implementação do Serviço de Psicologia Escolar (SPE) na cidade de Fortaleza (CE), que começou no ano de 2020 em conformidade

com a Lei Federal nº 13.935/2019 – lei essa que (como mencionado na introdução da presente pesquisa) estabelece a integração de serviços de psicologia e assistência social nas escolas públicas de educação básica. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou dados documentais e bibliográficos para avaliar a eficácia do SPE, assim como quais foram os desafios enfrentados durante sua implementação – especialmente, em um contexto marcado pela pandemia de COVID-19.

Desde o início do SPE, foram contratados 12 psicólogos escolares, distribuídos em seis distritos de educação, e com o intuito de atender às demandas emocionais da comunidade escolar, que se intensificaram devido ao isolamento social e às dificuldades do ensino remoto. O Plantão Psicológico Escolar (PPE) foi criado para oferecer suporte emergencial, permitindo de um a três atendimentos breves – que poderiam resultar em orientações adicionais e encaminhamentos em caso de necessidade.

Os resultados iniciais mostram que, entre outubro de 2020 e maio de 2021, o SPE realizou 663 atendimentos, abrangendo professores, diretores, coordenadores pedagógicos e alunos. Apesar do impacto positivo do serviço, os autores destacam que a quantidade de psicólogos ainda é insuficiente para atender a totalidade das 587 unidades educacionais da rede municipal de Fortaleza, o que limita a abrangência do SPE.

Além disso, o artigo ressalta a importância de uma compreensão clara do papel do psicólogo escolar, que deve ser visto como um colaborador no ambiente educacional, e não, apenas, como um prestador de serviços clínicos (neste caso, de plantões psicológicos). A falta de documentação orientadora, e a confusão sobre as funções do psicólogo escolar são desafios que precisam ser superados para garantir a eficácia do serviço.

Por fim, Lima e Iasmin (2022) concluem que, embora o SPE tenha dado passos significativos, ainda há um longo caminho a percorrer para consolidar a Psicologia Escolar e Educacional como um componente essencial na educação pública, promovendo uma educação de qualidade e equidade para todos os alunos.

Fichamento 10.

Artigo	Debatendo sobre medicalização com docentes em escolas públicas e privadas
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none">- Lima, M. L. C.- Cruz, B. d. A.- Lima, L. N. d.- Brandão, D. A. d. S.
Ano	2021
Natureza da pesquisa	<ul style="list-style-type: none">- Pesquisa-intervenção;- Aulas-teatro;- Discussão posterior às aulas-teatro;- Vivências artísticas filmadas.
Local (recorte espacial)	<ul style="list-style-type: none">- Município de Belém (PA);- Cinco escolas públicas;- Cinco escolas privadas.
População	Docentes
Intuito do psicólogo	Estimular discussões sobre o tema da medicalização

Lima et al. (2021) investiga como a medicalização da educação é abordada por professores no município de Belém (PA). A pesquisa envolveu cinco escolas públicas e cinco escolas privadas, e utilizou aulas-teatro como método para estimular discussões sobre o tema. Os resultados foram organizados em três categorias principais, sendo: (1) a ausência de discussão crítica sobre a medicalização, (2) a exigência de laudos médicos, e (3) a falta de investimento na formação continuada dos docentes.

Como mencionado pelos autores, o procedimento da aula-teatro é caracterizada por:

(...) uma encenação artística, contendo elementos de teatro, dança e performance, sobre um tema específico, de modo a incitar discussões, reflexões, diálogos. As aulas eram construídas em conjunto com o grupo de pesquisa por meio de oficinas de expressão corporal e laboratórios cênicos ministrados por um estudante concluinte do curso de licenciatura em Teatro da UFPA, bolsista do projeto. Nessas oficinas, preparava-se o corpo dos/as integrantes que participaram dessas

intervenções, pondo em prática conceitos tais como espaços, modos de interpretação, de condução de cenas, entre outros. Nos laboratórios de construção das aulas-teatro, utilizamos como inspiração alguns acontecimentos relacionados à medicalização com os quais os membros do grupo haviam tido contato.

A principal ferramenta trabalhada nos laboratórios cênicos foi o teatro do oprimido de Augusto Boal. Especialmente o teatro fórum, no qual se realiza uma encenação baseada em fatos reais, em que “oprimidos” e “opressores” entram em conflito, de forma explícita e objetiva, de modo que o “oprimido” (protagonista) fracassa e o “coringa”, que faz a mediação entre palco e plateia, estimula o público a entrar em cena e refazê-la, para substituir alguém e tentar solucionar o problema encenado. No teatro fórum não existe, portanto, uma barreira entre palco e plateia, sendo o público constituído por espect-atores, que se tornam agentes de mudança do espetáculo e conseqüentemente atores sociais competentes para construir significados para a realidade que os cerca (Boal, 2014).

A medicalização da educação refere-se à tendência de incorporar o uso de medicamentos por parte dos alunos sem, necessariamente, a inclusão da opinião da instituição de ensino (e, conseqüentemente, de seus integrantes), o que desvia a atenção das questões sociais e educacionais, focando na necessidade de tratamento medicamentoso como única via de solução do problema.

Durante as intervenções, muitos professores demonstraram desconhecimento do termo "medicalização", embora reconhecessem a presença de diagnósticos diante seus alunos. Essa falta de crítica mostrou-se preocupante, pois abriu espaço para a naturalização do uso de medicamentos e de diagnósticos psicológicos entre os alunos, o que dificultou a discussão pelo desmonte dessas estratégias, e a sugestão por alternativas, por exemplo, de intervenções não-medicamentosas.

Vale ressaltar que Lima et al. (2021) não exprimiram resistência com relação ao processo de avaliação psicológica, uma vez que este processo é facilitador para a compreensão da condição do aluno. Contudo, problematizam a medicalização como sendo, frequentemente, a primeira opção oferecida e acatada por profissionais e instituições, sem sequer buscar alternativas pedagógicas e de tratamento. Além disso, a exigência de laudos se mostrou mais intensa nas escolas privadas, onde a apresentação de um laudo é uma condição para a matrícula de alunos. Os professores da rede pública, por outro lado, expressaram

frustração com a falta de recursos e formação adequada para lidar com as novas demandas educacionais.

Por fim, o estudo conclui que é necessário promover um debate mais amplo sobre a medicalização da educação, envolvendo não apenas os docentes, mas toda a comunidade escolar, para que se desenvolvam práticas pedagógicas que não se baseiam, apenas, em diagnósticos médicos, mas que considerem as realidades sociais e educacionais dos alunos.

Fichamento 11.

Artigo	A arte na (re)construção da identidade de adolescentes em uma escola do campo
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none"> - Martines, E. A. L. d. M. - Azevedo, S. R. d. S. - Leme, M. I. d. S.
Ano	2022
Natureza da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Observação participante; - Registros ampliados; - Entrevistas; - Vivências artísticas filmadas.
Local (recorte espacial)	Escola rural em Rondônia
População	Doze adolescentes do 6º ao 9º ano
Intuito do psicólogo	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir a potência do procedimento artístico como promotora de desenvolvimento na discussão sobre identidade; - Diários artísticos.

Martines, Azevedo e Leme (2022) investigam como a arte influencia a construção da identidade de adolescentes em uma escola rural, utilizando uma abordagem qualitativa com doze participantes do 6º ao 9º ano. A pesquisa foi realizada em Rondônia, e envolveu cinco encontros de vivências artísticas, onde os adolescentes puderam expressar suas experiências e sentimentos através de diversas formas de arte, como música e cinema.

Os autores fundamentam a pesquisa na Psicologia Cultural, destacando que a identidade é construída em um contexto histórico e social, e que a escola desempenha um papel crucial nesse processo. Durante as vivências, os adolescentes discutiram temas como

preconceito, *bullying* e a importância da diversidade, refletindo sobre suas próprias identidades e as influências culturais que as moldam. Por exemplo, ao abordar a questão do racismo, os participantes assistiram a um vídeo que os incentivou a se colocar no lugar do outro, promovendo uma discussão significativa sobre (des)igualdade e oportunidade.

Através da produção artística, os participantes puderam explorar suas identidades de maneira mais profunda, refletindo sobre suas histórias pessoais e coletivas. O uso de diários artísticos também foi uma estratégia eficaz, pois possibilitou que os adolescentes registrassem suas emoções e reflexões ao longo do processo. Além disso, a pesquisa revelou que a arte serve como uma ferramenta poderosa para a expressão emocional, e para a ressignificação de experiências difíceis, permitindo que os adolescentes lidam com sentimentos complexos, como perdas e diferenças de gênero.

Os resultados indicam que as vivências artísticas não, apenas, melhoram a autoestima dos adolescentes, mas que também promovem um ambiente de respeito e de compreensão mútua, contribuindo para a construção de relações interpessoais mais saudáveis dentro da escola. A pesquisa ainda conclui que a arte é um elemento essencial na educação, pois ajuda os jovens a se tornarem mais conscientes de suas identidades e a configurá-las, especialmente, em contextos em que preconceitos e estereótipos são prevalentes – pois apresentam diferentes realidades que antes não eram conhecidas pelo sujeito, e fazem pensar para além da realidade que o sujeito está inserido.

Fichamento 12.

Artigo	Arte ambiente alteridade: formação inventiva entre universidade e escola básica
Autor(a)	- Mello, A. L. G. D. - Dias, R. d. O.
Ano	2022
Natureza da pesquisa	Pesquisa-intervenção
Local (recorte espacial)	Escola pública da periferia urbana do município de São Gonçalo (RJ)
População	Professores da escola pública participantes do AAA
Intuito do psicólogo	Refletir a respeito da educação alternativa oferecida pelo AAA em diferentes frentes de ensino

Mello e Dias (2022) investigam a formação educacional que se dá na intersecção entre a universidade e a escola básica, utilizando eixos fundamentais, como: arte ambiente alteridade. Esses eixos são concebidos pelos autores como fundamentais para a construção de novas relações e de modos de ser, permitindo uma formação que é, ao mesmo tempo, bela e livre.

A partir dessa ideia (ou filosofia), cria-se o coletivo “Arte Ambiente Alteridade” (AAA), que é uma resposta à necessidade de problematizar o antropocentrismo e o especismo que permeiam as relações cotidianas. Os autores destacam que, mesmo com o reconhecimento científico da capacidade de sentir dor e prazer em animais não-humanos, a sociedade ainda os trata como objetos, ignorando seu sofrimento. Essa crítica se estende à reprodução de práticas opressivas, como o machismo e o racismo, que se manifestam na escola básica - onde o senso comum antropocêntrico é frequentemente reproduzido.

As atividades do AAA são realizadas em uma área de proteção ambiental, o que proporciona um contexto rico para a educação ambiental e a vivência de práticas coletivas, sendo que a história da comunidade local - marcada por uma mobilização contra a instalação de um aterro sanitário - é um exemplo de resistência que se entrelaça com a proposta educativa do coletivo. As experiências na Área de Proteção Ambiental (APA), e na horta da

escola, são descritas como momentos de abertura e de diálogo, onde as crianças se conectam com a natureza e problematizam suas concepções sobre o ambiente.

As oficinas oferecidas pelo AAA, como a banda e a horta, são espaços de criação e aprendizado que desafiam as hierarquias tradicionais da educação. A arte, em particular, é vista como um dispositivo que provoca transformações e permite a expressão de afetos, contribuindo para a construção de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e sensível. A prática artística não se limita à produção de obras de arte, mas se concentra na experiência do presente, da feitura, na troca de ideias, e na construção de relações significativas entre os participantes. Isto é, a arte é concebida como meio, e não como fim.

Além disso, Mello e Dias (2022) destacam a importância de uma formação que valorize a experiência coletiva e a desnaturalização de práticas habituais. A proposta é criar um espaço onde as expectativas sejam flexíveis, permitindo que os encontros e as interações se desenvolvam de maneira orgânica, sem a pressão por resultados imediatos. Essa abordagem é fundamental para a construção de um ambiente que respeite as diferenças e promova uma ética de cuidado com o outro.

Fichamento 13.

Artigo	Mediações em sala de aula na construção do conhecimento em escolas inclusivas
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none"> - Mendonça, F. L. d. R. - Silva, D. S. - Barbosa-Andrade, F. S. - Silva, D. N. H.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	Pesquisa-intervenção
Local (recorte espacial)	Sala inclusiva de uma escola pública do Distrito Federal (DF)
População	Estudantes do 3º ano do ensino fundamental, tratando-se de uma turma de integração inversa
Intuito do psicólogo	Analisar políticas de inclusão

Mendonça et al. (2020) investiga as mediações semióticas em salas de aula inclusivas durante atividades colaborativas, focando na interação entre alunos com e sem deficiência. A pesquisa é fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, especialmente, nos estudos de defectologia de Vigostki, que enfatizam a importância das interações sociais para o desenvolvimento das crianças - independentemente de suas limitações.

Os autores analisam um episódio em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, onde uma aluna com síndrome de Down, Bianca, e uma aluna regular, Jane, colaboram em uma atividade de desenho e escrita, mediada pela professora Lídia (todos os nomes foram inventados pelos autores a fim de preservar a identidade dos participantes). Durante a atividade, Jane assume um papel ativo ao orientar Bianca, demonstrando que a interação entre pares pode ser benéfica para ambos os alunos. Jane não apenas ajuda Bianca a desenhar, mas também a escrever, ditando as letras e incentivando-a a participar ativamente. A relação entre as duas é descrita como mais horizontal do que a típica relação professor-aluno, permitindo que Bianca expresse suas opiniões e conhecimentos, o que mostra-se fundamental para seu desenvolvimento. A professora Lídia, ao perceber o potencial de colaboração, ajusta suas orientações, permitindo que Jane atue como mediadora, o que resulta em um aprendizado significativo para ambas.

Mendonça et al. (2020) destacam que a mediação semiótica - que envolve a troca de significados e a construção conjunta de conhecimento - é essencial para o desenvolvimento das crianças em contextos inclusivos. Ainda mais, destacam que prática pedagógica deve ser intencionalmente desafiadora, promovendo um ambiente onde todos os alunos possam se beneficiar das interações e do compartilhamento de saberes, sendo assim, a inclusão não se limita à presença física de alunos com deficiência, mas envolve a criação de oportunidades para que todos os alunos (e professores) participem ativamente do processo de aprendizagem.

Fichamento 14.

Artigo	O “Projeto Raíces” da Universidade de Brasília: Compromisso social da Psicologia Escolar na educação universitária
Autor(a)	- Nóbrega, J. - Rosa, G. - Pulino, L.
Ano	2022
Natureza da pesquisa	Relato de experiência
Local (recorte espacial)	Universidade de Brasília
População	- Estudantes indígenas, refugiados e estrangeiros; - Coordenadores.
Intuito do psicólogo	Realização de atividades de formação e acompanhamento contínuo com o intuito de desenvolver um ambiente acadêmico saudável e propício ao desenvolvimento do sujeito

Nóbrega, Rosa e Pulino (2022) investigam o “Projeto Raíces” da Universidade de Brasília (UnB), que é uma iniciativa de tutoria com o intuito de apoiar estudantes que ingressaram na universidade de formas especiais, como a partir de programas para a inclusão de populações: indígenas, de refugiados e de estrangeiros - principalmente, calouros. O projeto foi desenvolvido entre julho de 2017 e março de 2019, com o intuito de promover a integração e a adaptação desses alunos ao ambiente universitário, que muitas vezes é desafiador devido a barreiras culturais e sociais.

A proposta do projeto é fundamentada na ideia de que a Psicologia Escolar e Educacional pode contribuir significativamente para a transformação do modelo educacional atual, que, frequentemente, prioriza interesses mercadológicos em detrimento das questões humanas e sociais. O nome "Raíces" simboliza a origem dos estudantes atendidos e a intenção de que eles possam criar vínculos duradouros com a universidade. Durante sua implementação, o projeto enfrentou diversos desafios, incluindo a necessidade de desmistificar preconceitos e promover um ambiente colaborativo.

O desenvolvimento do projeto incluiu a seleção de tutores, que eram estudantes veteranos (que passaram do primeiro ano de curso), e a realização de atividades de formação e

acompanhamento contínuo. Até a terceira edição, cerca de 250 estudantes participaram, com um foco especial na construção de uma identidade coletiva, e no fortalecimento do sentimento de pertencimento à universidade.

Além disso, o projeto enfrentou dificuldades financeiras que impactaram a vida dos tutorandos, dificultando o acesso a recursos essenciais, como computadores e transporte. Apesar desses desafios, a avaliação contínua do projeto revelou que tanto tutores quanto tutorandos experimentaram transformações pessoais significativas, destacando a importância do apoio recebido para a adaptação à vida universitária. Portanto, os autores Nóbrega, Rosa e Pulino (2022), concluem que o Projeto Raízes não apenas busca melhorar o desempenho acadêmico, mas também promover o desenvolvimento pessoal e institucional alinhado com ideais de inclusão e diversidade.

Fichamento 15.

Artigo	Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior
Autor(a)	<ul style="list-style-type: none"> - Peretta, A. A. C. e S. - Oliveira, Í. W. M. - Lima, L. M.
Ano	2019
Natureza da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa-intervenção; - Rodas de conversa.
Local (recorte espacial)	Universidade Federal de Uberlândia
População	Estudantes do ensino superior
Intuito do psicólogo	Discutir a respeito do tema “evasão escolar”

Peretta, de Oliveira e de Lima (2019) investigam os resultados de uma roda de conversa realizada com estudantes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que estavam indecisos sobre a permanência em seus cursos. As rodas de conversa buscaram evidenciar os fatores que levam à evasão universitária, destacando a importância de compreender as vivências dos alunos no contexto de estudo e de vida (no geral).

Durante as rodas de conversa, os participantes compartilharam suas experiências, revelando que a formação e a futura atuação profissional eram vistas como formas de realização pessoal, embora, muitas vezes, essa realização parecesse distante. Os estudantes ainda mencionaram a falta de orientação profissional, e que a maneira como os cursos eram apresentados não correspondia às expectativas, o que baseava a relação dos estudantes com a universidade a partir do sentimento de frustração. Com relação à apresentação do curso, os alunos expressaram preocupações sobre a didática dos professores e a relevância das matérias - com alguns afirmando que a presença em sala de aula, muitas vezes, parecia uma perda de tempo. Ainda mais, os participantes discutiram sobre as pressões externas, como as expectativas familiares e sociais, que influenciam suas decisões sobre a permanência no curso. Apesar das dificuldades expressadas pelos alunos, foi relatado que eles encontraram momentos de satisfação na universidade, como a partir da interação com professores que possuíam uma boa didática.

Peretta, de Oliveira e de Lima (2019) concluem que as rodas de conversa proporcionaram um espaço de acolhimento e de reflexão, permitindo que os estudantes compartilhassem suas angústias e buscassem ressignificações para suas experiências acadêmicas. Ao final, cada participante expressou a experiência em uma palavra, como "diversão" e "insegurança", evidenciando a complexidade de suas vivências.

Fichamento 16.

Artigo	Formação docente continuada e práticas de ensino no atendimento educacional especializado
Autor(a)	- Pinto, G. U. - Amaral, M. H.
Ano	2019
Natureza da pesquisa	- Pesquisa-intervenção; - Encontros quinzenais.
Local (recorte espacial)	Atendimento Educacional Especializado (AEE)
População	23 professoras
Intuito do psicólogo	Discutir sobre inclusão

Pinto e Amaral (2019) investigam a importância da formação continuada de professores, e a qualidade das práticas pedagógicas no “Atendimento Educacional Especializado” (AEE). A pesquisa foi realizada com 23 professoras, e destaca a necessidade de um trabalho coletivo que promova a inclusão de alunos com deficiência, enfatizando que "educação é uma só, embora tenha de adaptar-se" às necessidades especiais dos alunos. Os encontros com as professoras foram realizados quinzenalmente, onde foram discutidos conceitos teóricos e práticas pedagógicas, o que permitiu a reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido na instituição.

Os autores mencionam que, apesar do aumento nas matrículas de alunos com deficiência nas escolas comuns, ainda existem desafios significativos que impactam na permanência desses alunos, como a falta de preparo da comunidade escolar e problemas de infraestrutura. A formação teórica dos professores é considerada crucial para que eles possam atuar de forma crítica e consciente, contribuindo para a luta pelo direito à educação de qualidade para todos. Porém, as práticas pedagógicas observadas no AEE, inicialmente, focaram em atividades mecânicas e fragmentadas - sem considerar os conteúdos escolares relevantes – no entanto, ao longo do projeto desenvolvido em parceria com os pesquisadores, as professoras começaram a integrar conteúdos da sala de aula comum nas atividades do AEE.

Pinto e Amaral (2019) ressaltam a importância de uma abordagem histórico-crítica e histórico-cultural na formação docente, que busca superar a visão deficitária da deficiência e promover o desenvolvimento de forma inclusiva. Conclui-se, que a formação continuada dos professores deve ser acompanhada de discussões teóricas que ajudem a redimensionar as práticas pedagógicas, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades, tenham acesso a uma educação de qualidade.

Fichamento 17.

Artigo	Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise Públicas
Autor(a)	- Silva, J. d. P. - Alberti, S.
Ano	2022
Natureza da pesquisa	- Pesquisa-intervenção; - Psicanálise; - atendimentos individuais; - Rodas de conversa; - Oficinas psicopedagógicas.
Local (recorte espacial)	ONG “Chega Junto”
População	Alunos e professores
Intuito do psicólogo	Discussão sobre a medicalização do ensino-aprendizagem

Silva e Alberti (2022) investigam a integração da psicanálise na Educação e na Saúde, especialmente, em escolas públicas no Brasil. A pesquisa começou no ano de 2009 e, inicialmente, focava na discussão sobre a medicalização do ensino-aprendizagem, mas – durante o ano de 2018 - foi reorientada para colaborar com a ONG “Chega Junto” para a transformação de discursos e de práticas que alienam os sujeitos de seu potencial transformador. A ONG “Chega Junto” tem como intuito criar espaços de acolhimento para jovens, permitindo que sejam reconhecidos como sujeitos ativos em suas realidades.

Os autores argumentam que a escuta do sujeito é fundamental para promover a potência de trabalho e a singularidade dentro da coletividade, evitando práticas individualistas que, muitas vezes, prevalecem em instituições educacionais e de saúde. A psicanálise é apresentada como uma ferramenta para entender e intervir nas dinâmicas sociais que afetam os alunos, trazendo à tona quais as fontes de sofrimento, e como se dão as relações sociais que moldam as experiências dos alunos. O método utilizado combinou a Psicanálise com práticas educacionais, promovendo rodas de conversa e intervenções que incentivaram a fala e a escuta ativa.

A partir das intervenções, revelou-se o interesse de muitos alunos e professores na mudança da dinâmica escolar, mas que o interesse vai além do desejo, e passa também pela ação, apontando que essas transformações devem ser propostas pelos próprios envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. A discussão a respeito dessa conclusão (ainda durante as intervenções), resultou em mudanças significativas nas atitudes dos alunos e – consequentemente - na dinâmica escolar, evidenciando a importância de criar espaços onde os sujeitos possam expressar suas vozes e serem ouvidos. Além disso, Silva e Alberti (2022) destacam a necessidade de uma formação continuada para os profissionais da Educação, permitindo que eles se tornem mais sensíveis às especificidades do atendimento às crianças e adolescentes.

Fichamento 18.

Artigo	Crianças e seus diagnósticos no cenário da educação inclusiva: a perspectiva de mães e professoras
Autor(a)	- Silva, L. S. - Szymanski, L.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	- Pesquisa-intervenção; - Fenomenológica existencial; - Observações participativas; - Encontros sistemáticos.
Local (recorte espacial)	Escola municipal de São Paulo
População	- Mães; - Professoras.
Intuito do psicólogo	Entender como diagnósticos de alunos influenciam as práticas educativas e as relações interpessoais no ambiente escolar

Silva e Szymanski (2020) investigam as percepções de mães e professoras sobre os diagnósticos de crianças com necessidades educacionais especiais (NEE) em uma escola municipal de São Paulo. A pesquisa, que adota uma abordagem fenomenológica existencial, busca entender como esses diagnósticos influenciam as práticas educativas e as relações interpessoais no ambiente escolar.

Os autores destacam que o diagnóstico pode proporcionar uma sensação de segurança - tanto para as mães quanto para as professoras, permitindo que elas se sintam mais preparadas para lidar com as necessidades dos alunos. No entanto, essa segurança vem acompanhada de um risco: a tendência de reduzir a identidade da criança a seu diagnóstico, o que pode obscurecer suas individualidades e potencialidades. As professoras relataram que, ao conhecerem os diagnósticos, conseguem justificar comportamentos e prever reações, mas também expressaram sentimentos de impotência e de insegurança diante das dificuldades com o manejo e a inclusão de certos alunos que possuem laudos – revelando, também, uma carência na formação docente.

Ainda mais, Silva e Szymanski (2020) revelam outra faceta com relação às práticas diagnósticas, sendo a questão da medicalização da infância, que normaliza a patologização de certos comportamentos (que, a depender do contexto, não oferecem preocupações), levando a uma dependência excessiva de diagnósticos e medicamentos como soluções para problemas que poderiam ser abordados de outra maneira.

As experiências investigadas sobre as mães, por sua vez, demonstram frustração com relação aos profissionais da Saúde, sentindo que suas vozes e conhecimentos sobre seus filhos eram desconsiderados, sendo, apenas, considerados os “comportamentos-problema” e não outras experiências de vida de seus filhos.

Por fim, a inclusão escolar é ressaltada por Silva e Szymanski (2020) como um processo que deve respeitar as individualidades e ritmos de aprendizagem de cada aluno, em vez de buscar uma padronização. Conclui-se também que é fundamental promover um diálogo contínuo entre educadores, famílias e profissionais da Saúde, a fim de construir um ambiente escolar inclusivo e acolhedor. A reflexão sobre a prática educativa e a importância de reconhecer a diversidade nas salas de aula são essenciais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que, realmente, atendam aos alunos.

Fichamento 19.

Artigo	Psicólogas(os) no Sistema Educacional de Boa Vista/Roraima: Concepções, Práticas e Desafios
Autor(a)	- Silva, M. J. - Souza, M. P. R.
Ano	2023
Natureza da pesquisa	- Pesquisa-intervenção; - Entrevista semiestruturada.
Local (recorte espacial)	Escola de Educação Básica em Boa Vista (RO)
População	21 psicólogos
Intuito do psicólogo	Compreender de que forma se dá a atuação de psicólogos na rede de educação

Silva e Souza (2023) investigam a atuação de psicólogos na educação básica em Boa Vista (RO), a partir de um estudo realizado entre março e abril de 2018, que utilizou entrevistas semiestruturadas com 21 psicólogos - sendo desses, 20 mulheres e 1 homem. A maioria dos participantes atuavam na educação básica, sendo que 60% trabalhavam na modalidade clínica e os outros 40% em modalidades institucionais (mas que não deixavam também de conter aspectos da clínica).

Os autores contextualizam o cenário para a atuação de psicólogo no estado de Roraima a partir de uma população de aproximadamente 605.761 habitantes, e que possui, apenas, duas instituições de ensino superior que oferecem o curso de Psicologia. A pesquisa identificou que 75% dos psicólogos atuam no setor público, e que a maioria foi contratada como psicólogo, e não, especificamente, como psicólogo escolar – isto é, a maior parte dos profissionais não possui especialização ou experiência na área. Além disso, a atuação dos psicólogos se deu recentemente, sendo que a maior parte dos profissionais tinham menos de um ano de experiência na área da Educação.

Os desafios enfrentados pelos psicólogos incluem a melhoria das condições de trabalho, a necessidade de formação continuada e a dificuldade em estabelecer relações hierárquicas que respeitem as especificidades do campo educacional. Além do mais, destaca-se a importância de uma mudança no paradigma da atuação dos psicólogos, enfatizando a necessidade de uma abordagem crítica que considere os determinantes sociais, políticos e culturais do processo de escolarização. Silva e Souza (2023) concluem que a Psicologia Escolar e Educacional deve se afastar de uma visão reducionista que patologize as dificuldades dos alunos, buscando envolver também a comunidade escolar, e considerar as políticas públicas.

Fichamento 20.

Artigo	Interfaces entre Psicologia, Educação e Saúde - um relato de prática profissional
Autor(a)	- Souza, A. C.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	Relato de experiência
Local (recorte espacial)	Escola Municipal de Saúde Pública de Goiânia (GO)
População	Equipe multiprofissional
Intuito do psicólogo	<ul style="list-style-type: none">- Compreender as relações estabelecidas entre o psicólogo e a equipe multiprofissional;- Ser um agente de mudança, facilitando a educação e a formação continuada dos profissionais de saúde.

Souza (2020) investiga sobre a atuação do psicólogo escolar na área da Saúde, sendo exposta como uma relação que é ainda pouco reconhecida na literatura. A pesquisa é desenvolvida na Escola Municipal de Saúde Pública de Goiânia (GO), e fundamenta-se na Educação Permanente em Saúde (EPS), que visa aprimorar a qualidade do serviço prestado pelos profissionais da Saúde.

De acordo com a autora, a atuação do psicólogo escolar na saúde pública é uma área emergente que precisa ser mais divulgada e valorizada, pois pode impactar positivamente a formação de profissionais da Saúde e a qualidade do atendimento à população. Considerando esse ideal de atuação, são destacadas três frentes principais de atuação do psicólogo escolar na Escola Municipal de Saúde Pública: (1) incentivo e apoio à ações educativas para profissionais de saúde, com base na Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, que busca tornar o aprendizado significativo e transformador; (2) articulação e execução da integração ensino-serviço-comunidade, promovendo mudanças curriculares que preparem os alunos para a realidade do serviço de saúde; e (3) produção de conhecimento para o aprimoramento das práticas educativas e do atendimento em saúde.

Além disso, Souza (2020) defende o psicólogo escolar como um agente de transformação, dispondo do intuito de facilitar os processos de educação permanente a partir da colaboração com outras áreas, como a Sociologia e a Enfermagem. Esta perspectiva

idealiza uma abordagem mais integrada e eficaz na saúde pública, colocando também o trabalho em equipe como estratégia fundamental, uma vez que a diversidade de saberes enriquece a compreensão das realidades enfrentadas, e possibilita a criação de estratégias de intervenção eficazes.

Fichamento 21.

Artigo	Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais?
Autor(a)	- Tavares, V. d. S. - Melo, R. B.
Ano	2019
Natureza da pesquisa	- Pesquisa mista (ou quali-quantitativa); - Questionário semiestruturado.
Local (recorte espacial)	Quatro escolas no Rio de Janeiro
População	Alunos de ensino médio entre 14 e 18 anos
Intuito do psicólogo	Compreender as significações dos alunos sobre a relação entre tecnologia e o aprendizado

Tavares e Melo (2019) investigam a relação entre a aprendizagem digital informal e a aprendizagem formal escolar, focando na percepção de alunos nativos digitais sobre a influência das tecnologias digitais em seus processos de aquisição de conhecimento. A pesquisa foi realizada com alunos do ensino médio de quatro escolas no Rio de Janeiro, revelando que os jovens estão altamente conectados às tecnologias digitais, utilizando-as tanto para lazer quanto para fins educacionais, o que as torna ferramentas valiosas para o processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos, descritos como nativos digitais, enfrentam um ambiente escolar que, muitas vezes, não se adapta às suas necessidades e à sua linguagem tecnológica, resultando em um choque entre a escola, que ainda utiliza métodos tradicionais, e os alunos que falam uma "linguagem digital". A pesquisa identificou que a maioria dos alunos (91%) valoriza a

experiência escolar presencial, especialmente, pela relação com os professores e a formação de laços sociais, embora, também expressem insatisfação com a qualidade do ensino.

Os dados coletados mostram que os alunos passam em média 10 horas por dia interagindo com tecnologias digitais, sendo o celular o dispositivo mais utilizado. As redes sociais e plataformas de vídeo, como Facebook e YouTube, são as mais acessadas, servindo tanto para entretenimento quanto para apoio educacional. A pesquisa também destaca que 68% dos alunos relatam ter experiências de aprendizagem através de tecnologias antes de abordarem os conteúdos em sala de aula, indicando que a internet é uma fonte significativa de conhecimento. Tavares e Melo (2019) sugerem que, apesar do acesso facilitado à informação por meio das tecnologias digitais, a escola ainda é vista como um espaço essencial para a aprendizagem, onde os alunos podem contar com o suporte dos professores e a interação com colegas. Além do mais, os alunos reconhecem as desvantagens do aprendizado online, como a dificuldade em verificar a veracidade das informações e a distração causada pelas redes sociais.

Em conclusão, enfatiza-se a necessidade de as escolas se adaptarem às novas realidades digitais, integrando as tecnologias ao processo pedagógico para potencializar a aprendizagem dos alunos nativos digitais, que valorizam tanto a experiência escolar quanto às oportunidades de aprendizado informal disponíveis na internet.

Fichamento 22.

Artigo	Do cuidado com o bebê ao cuidado com o educador
Autor(a)	- Wiles, J. M. - Ferrari, A. G.
Ano	2020
Natureza da pesquisa	- Pesquisa-intervenção; - Acompanhamento do cotidiano dos participantes; - Entrevistas.
Local (recorte espacial)	Instituição de ensino infantil no Rio Grande do Sul
População	Duas educadoras de cidades diferentes no mesmo estado
Intuito do psicólogo	Compreender a categoria de análise “cuidado”

Wiles e Ferrari (2020) investigam a importância do cuidado voltado para os bebês, e para os educadores que os atendem, sendo que a pesquisa foi realizada em instituições de educação infantil no Rio Grande do Sul, onde as educadoras foram acompanhadas semanalmente utilizando o método “Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil” (IRDI), que visa identificar riscos ao desenvolvimento infantil e promover reflexões sobre a prática educativa. Esse método adotado não se caracteriza, apenas, por uma observação passiva, mas por uma participação ativa que permite que as educadoras se sintam amparadas e valorizadas em suas práticas.

Os autores destacam que, frequentemente, as educadoras se encontram tão imersas nas rotinas diárias, que não conseguem refletir sobre suas próprias experiências e sentimentos com relação ao trabalho – além de discutirem sobre a ideia de "cuidado do cuidador", onde são incluídos o trabalho das educadoras, e o acompanhamento ofertado pelo pesquisadores-psicanalistas (uma vez que estes oferecerem suporte emocional e reflexivo às educadoras). Ainda nessa discussão, com relação aos educadores, Wiles e Ferrari (2020) - inspirados nas reflexões de Foucault sobre a ética do cuidado - argumentam que, para que os educadores possam cuidar efetivamente dos bebês, é fundamental que também cuidem de si mesmos, refletindo sobre suas próprias emoções e experiências. Essa abordagem não apenas

melhora a qualidade do cuidado oferecido, mas também promove um ambiente mais saudável e reflexivo para todos os membros daquela comunidade.

A pesquisa de Wiles e Ferrari (2020) propõe uma nova visão sobre o cuidado na educação infantil, que abrange tanto os bebês quanto os educadores, destacando a necessidade de espaços de escuta e reflexão, que permitam a ambos se desenvolverem em suas respectivas funções.

Agora, avançando do momento de apresentação de cada um dos artigos, faz-se importante a disposição dos dados levantados e expostos acima de forma a favorecer a consulta na próxima seção de Discussão, como a seguir:

Tabela 1. *Exposição dos artigos selecionados para a Análise.*

Nº	Artigo	Autores	Ano
1	Sentido pessoal, atividade de estudo e educação artística: um estudo de caso	Asbahr, F. d. S. F.	2019
2	Pesquisa-ação na formação em Educação Física: Promoção do trabalho colaborativo	Avila, L. T. G.; Frison, L. M. B.; Simão, A. M. V.	2020
3	Metodologias orientadas para problemas a partir das etapas do pensamento crítico	Casiraghi, B. Aragão, J. C. S.	2019
4	Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação	Cunha, G. G. Oliveira M. C. S. L. Branco, Â. U.	2020
5	Psicologia Escolar e população LGBTI+ no ensino superior: um relato de experiência	Fernandes Filho, A. Oltamari, L. C.	2021
6	Consultoria em Psicologia Escolar: Relato de Experiência em Curso Pré-Vestibular	Hamann, C. Consoni, M. Alcântara, R. Gamalho, A. Dipp, R. P.	2019
7	Educação especial, Psicologia e políticas públicas: o diagnóstico e as práticas pedagógicas	Kranz, C. R. Campos, H. R.	2020
8	Refletindo sobre o cotidiano acadêmico: uma experiência no Instituto Tecnológico de Aeronáutica	Lacaz, C. P. d. C. Telles, M. M. Santos, M. M. L.	2023
9	Serviço de Psicologia Escolar na rede municipal de educação de Fortaleza (CE): primeiros resultados	Lima, E. N. Iasmin, M. da C.	2022
10	Debatendo sobre medicalização com docentes em escolas públicas e privadas	Lima, M. L. C. Cruz, B. d. A. Lima, L. N. d.	2021

		Brandão, D. A. d. S.	
11	A arte na (re)construção da identidade de adolescentes em uma escola do campo	Martines, E. A. L. d. M. Azevedo, S. R. d. S. Leme, M. I. d. S.	2022
12	Arte ambiente alteridade: formação inventiva entre universidade e escola básica	Mello, A. L. G. D. Dias, R. d. O.	2022
13	Mediações em sala de aula na construção do conhecimento em escolas inclusivas	Mendonça, F. L. d. R. Silva, D. S. Barbosa-Andrade, F. S. Silva, D. N. H.	2020
14	O Projeto Raízes da Universidade de Brasília: Compromisso social da Psicologia Escolar na educação universitária	Nóbrega, J. Rosa, G. Pulino, L.	2022
15	Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior	Peretta, A. A. C. e S. Oliveira, Í. W. M. Lima, L. M.	2019
16	Formação docente continuada e práticas de ensino no atendimento educacional especializado	Pinto, G. U. Amaral, M. H.	2019
17	Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise Públicas	Silva, J. d. P. Alberti, S.	2022
18	Crianças e seus diagnósticos no cenário da educação inclusiva: a perspectiva de mães e professoras	Silva, L. S. Szymanski, L.	2020
19	Psicólogos(os) no Sistema Educacional de Boa Vista/Roraima: Concepções, Práticas e Desafios	Silva, M. J. Souza, M. P. R.	2023
20	Interfaces entre Psicologia, Educação e Saúde - um relato de prática profissional	Souza, A. C.	2020
21	Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais?	Tavares, V. d. S. Melo, R. B.	2019
22	Do cuidado com o bebê ao cuidado com o educador	Wiles, J. M. Ferrari, A. G.	2020

Por fim, dado o fim à exposição dos Resultados, avançaremos para a seção de Discussão, na qual a tabela acima servirá como referência para consulta de algumas informações básicas dos artigos, que serão identificados como números nas tabelas mais à frente na seção de Discussão.

6. DISCUSSÃO

Após a apresentação dos resultados, dá-se início a fase de discussão (ou análise) dos dados obtidos a partir dos processos de leitura e fichamento dos artigos. Foram utilizadas as categorias de análise de “trabalho” (mais especificamente, do conceito de "*praktika*") e “meio” como compreendido por Lev S. Vigotski, principalmente, em suas produções “Psicologia Pedagógica” (2003) e “Meio na Pedologia” (2010), respectivamente.

O processo de análise a partir de categorias delimita a busca por significados (portanto, comuns) entre as produções analisadas, isto é, ao adotar as categorias de “trabalho” e “meio”, busca-se localizar a atuação do psicólogo nos contextos escolares, sistematizando as situações enfrentadas por esses profissionais, assim como quais as alternativas adotadas para enfrentá-las. Este movimento possibilita focar em uma parte do fenômeno, mas sem perder de vista o contexto do artigo analisado, posteriormente, também estabelecendo relações entre os artigos a partir destas categorias. Portanto, vale ressaltar que essa seção apresenta dois significados do *corpus* literário revisado, sendo uma análise de natureza qualitativa, interpretativa e coletiva (dos significados), como a seguir:

6.1 Práticas da Psicologia Escolar

O trabalho do psicólogo escolar, no caso desta revisão de literatura, pode ser decomposto entre as práticas: psicológicas, de pesquisa e educativas. A questão do psicólogo-pesquisador está implícita na natureza desta revisão, uma vez que todas as pesquisas selecionadas foram escritas por pesquisadores que também são psicólogos - possibilitando assim a análise desta relação. E, não que a prática seja a única categoria do trabalho, isto é, posteriormente nesta pesquisa, também será exposta a categoria de “meio” que também integra o conceito de trabalho - uma vez que a própria categoria de meio pode ser decomposta entre local, participantes e período de atuação.

O psicólogo-pesquisador assume o papel de suscitar discussões entre os integrantes da comunidade escolar, e de interventor em momentos específicos, não estando incorporado, necessariamente, à escola como funcionário, isto é, o pesquisador pode atuar de forma independente à instituição de ensino, sendo financiado pela universidade, faculdade ou agência de fomento a que está vinculado. No caso da presente pesquisa, todos os psicólogos que foram investigados estavam atuando no contexto escolar e educacional como pesquisadores, desenvolvendo suas pesquisas com objetivos específicos e tempo limitado, uma vez que, apenas nos trabalhos de Lima e Iasmin (2023) e Silva e Souza (2023) que

revelaram-se experiências de psicólogos trabalhando para o Sistema de Educação ou de Saúde de suas respectivas regiões.

A atividade de pesquisa (pode, mas) não deve substituir o trabalho do psicólogo escolar, até porque cumprem papéis diferentes: o pesquisador deve cumprir os objetivos da pesquisa e está limitado a este objetivo, enquanto o psicólogo escolar participa da instituição como funcionário. É importante ressaltar essa diferença, pois, atualmente, apesar da promulgação das leis, ainda existe carência de psicólogos escolares trabalhando para o Sistema de Educação, como ressaltado por Lima e Iasmin (2023), e, enquanto esta situação não se transforma, os pesquisadores têm representado essa classe dentro das instituições.

No atual levantamento bibliográfico, 20 dos 22 artigos falam da experiência de um psicólogo-pesquisador na escola, mas não, necessariamente, da experiência de um psicólogo escolar trabalhando para o Sistema de Educação. Esta predominância da prática de pesquisa com relação à prática de um psicólogo da escola demonstra o psicólogo-pesquisador como aquele que vem sustentando a Psicologia Escolar como prática interventiva na escola desde antes da legislação, e não como uma prática localizada nas universidades que visita às escolas. Não que a pesquisa funcione como uma entidade, mas me refiro aos trabalhos levantados pela presente pesquisa (assim como, os pesquisadores) que representam a resistência dos psicólogos escolares nos ambientes escolares, lutando para que esse serviço não seja alheio à comunidade escolar, e possa ser desfrutado como direito. Ainda mais, são os pesquisadores que, para além do trabalho exercido nas/com as escolas, organizam-se para regulamentar a profissão, como observado em experiências recentes como a audiência para retomar a implementação da Lei nº 13.935/2019 (figura 3), que contou com nomes como Ângela Soligo, e o “Seminário Nacional Implementação dos Serviços de Psicologia e Serviço Social nas Redes de Ensino: Desafios e Possibilidades” (figura 4), que contou com nomes como Raquel Guzzo:

Figura 3 e 4. Divulgações para a audiência e para o “Seminário Nacional Implementação dos Serviços de Psicologia e Serviço Social nas Redes de Ensino: Desafios e Possibilidades”, respectivamente.



Contudo, apesar da possibilidade do trabalho do pesquisador como psicólogo escolar, ainda não é garantido que o pesquisador partilhe da ideia do psicólogo como interventor, e/ou com o intuito de transformar a realidade da instituição – por exemplo, aquele psicólogo-pesquisador que trata os participantes de uma pesquisa, somente, a partir de seus “scores”.

Agora, independente se é pesquisador ou não, o psicólogo escolar é aquele que se vê imerso no meio escolar e educacional, dedicando seu tempo de forma integral a promover mudança de forma contínua e programada. Já no caso de um psicólogo que visita o contexto escolar esporadicamente, e não participa de nenhuma outra ação que o integra àquele ambiente, não desenvolverá o trabalho de um psicólogo escolar, uma vez que este trabalho (ou especialização) não se configura, apenas, pelo interesse ou por uma escolha de um ambiente de trabalho, e sim pela natureza do seu trabalho. Vale a ressalva de que a crítica não se direciona àqueles profissionais que oferecem serviços terceirizados ao Sistema de Educação (por exemplo, por parte de alguma empresa que ganhou uma licitação), mas a crítica se direciona à ideia de que este tipo de atuação seja suficiente para sanar as demandas do Sistema de Educação, substituindo a figura do especialista em Psicologia Escolar - isto é, uma coisa é o psicólogo (prestando um serviço) para a escola e outra coisa é o psicólogo da escola.

Agora, seguindo em frente com relação à prática do psicólogo-pesquisador, adentramos, brevemente, na discussão a respeito da prática educativa, como aquelas incorporadas pelo psicólogo escolar, e que – assim como o educador - tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento da comunidade escolar, assumindo papel importante nos processos de aprendizagem. Para isso, o psicólogo desprende de uma série de estratégias de comunicação para se fazer entender pelos estudantes – uma vez que não existe processo de ensino e aprendizado sem comunicação acessível e inclusiva. Neste quesito, não se compreende o trabalho do psicólogo escolar como, somente, a reprodução da técnica da Psicologia, mas também pela postura e responsabilidade de um educador, como trazido por Moraes e Groff (2023).

E, por fim, sobre as práticas psicológicas propriamente ditas, estas caracterizam o psicólogo escolar a partir das especificidades de sua prática psicológica, considerando o aporte teórico, o método, e o procedimento (que pode ser considerado como parte do método, mas que, aqui, foi destacado). Porém, antes disso, é importante ressaltar que, apesar da composição da prática do psicólogo ter sido aqui apresentada por três partes, essa é, apenas, uma maneira didática de descrever um fenômeno que acontece de forma dialética - sendo as práticas psicológica, de pesquisa e educativa integradas, quando no meio escolar e educacional.

Tabela 2. *Exposição dos resultados relacionados à categoria de trabalho.*

Nº	Abordagens teóricas	Métodos	Procedimentos
1	Psicologia Histórico-Cultural	Pesquisa de campo; Metodologias educacionais orientadas para problemas	Observação participante; Entrevista semiestruturada; Encontros sistemáticos
2	N/A	Pesquisa-ação	N/A
3	N/A	Relato de experiência profissional e/ou pessoal	Intervenção em sala de aula
4	Psicologia Cultural	Criminologia Crítica	Roda de conversa / Discussões em grupo
5	N/A	Relato de experiência profissional e/ou pessoal	Criação de campanhas de conscientização (seja por via de folhetos, cursos, vídeos etc.)
6	N/A	Relato de experiência profissional e/ou pessoal; Pesquisa etnográfica	N/A
7	N/A	Estudo de caso	N/A
8	N/A	Pesquisa-intervenção	N/A
9	N/A	Revisão integrativa	N/A
10	N/A	Pesquisa-intervenção	Roda de conversa / Discussões em grupo, Aula-teatro, Vivências artísticas filmadas
11	N/A	N/A	Observação participante, Entrevista semiestruturada, Registros ampliados, Vivências artísticas filmadas
12	N/A	Pesquisa-intervenção	N/A
13	N/A	Pesquisa-intervenção	N/A
14	N/A	Relato de experiência profissional e/ou pessoal	N/A

15	N/A	Pesquisa-intervenção	Roda de conversa / Discussões em grupo
16	N/A	Pesquisa-intervenção	Encontros sistemáticos
17	Psicanálise	Pesquisa-intervenção	Roda de conversa / Discussões em grupo; Atendimento clínico e/ou plantão psicológico; Oficinas psicopedagógicas.
18	Psicologia Humanista	Pesquisa-intervenção	Observação participante; Encontros sistemáticos.
19	N/A	Pesquisa-intervenção	Entrevista semiestruturada
20	N/A	Relato de experiência profissional e/ou pessoal	N/A
21	N/A	Pesquisa mista	Questionário semiestruturado
22	N/A	Pesquisa-intervenção	Entrevista semiestruturada, Acompanhamento do cotidiano

Quando falamos a respeito do psicólogo escolar, não existe um padrão para a atuação desse profissional, pelo menos, não no que se diz respeito a escolha teórico-metodológica, considerando que a preocupação é atender a demanda de forma ética e eficiente, independente do aporte teórico, do método e/ou procedimento adotados.

Assim como foi exposto anteriormente, as demandas e ambientes encontrados pelos profissionais da Psicologia são inúmeros, imprevisíveis e únicos – uma vez que estão lidando com sujeitos e instituições (compostas por sujeitos), o que exige destes profissionais a capacidade de adaptação e generalização da prática. E, ainda mais, para além da diversidade entre os contextos enfrentados pelos psicólogos, existe também grande diversidade entre a qualificação desses profissionais, o que demonstra como é possível atender a demandas parecidas a partir de métodos diferentes, considerando que o determinante é o comprometimento do profissional.

Por exemplo, nas pesquisas de Asbahr (2019), e de Casiraghi e Aragão (2019), ambos se depararam com ambientes universitários, trabalhando com grupos de estudantes, e com o intuito de suscitar reflexão dentre esse grupo a respeito da realidade universitária. Portanto, no primeiro caso, a profissional decide por uma estratégia de

observação-participante, adotando postura distante no que diz respeito à interferência durante a aula - entrevistando os alunos e realizando reuniões com as professoras em outros momentos que não durante a aula. Porém, no caso de Casiraghi e Aragão (2019), os autores optaram por metodologias educacionais orientadas por problemas, intervindo diretamente em sala de aula com os alunos a partir de situações hipotéticas desenvolvidas para pensar naquela realidade escolar, encorajando os alunos à participação. Esses exemplos demonstram como, mesmo em ambientes de sala de aula, lidando com alunos universitários, e partindo de um intuito (relativamente) comum, ainda assim, é possível que os profissionais da Psicologia escolham estratégias diferentes e adequadas à formação de cada profissional – de qualquer forma, garantindo resultados satisfatórios.

Aqui, se aplica às concepções de profissionalismo e de politécnica de Vigotski (2003), em que, respectivamente, o autor discorre a respeito da capacidade de adaptação e generalização do profissional com relação a sua área de expertise, independente do contexto e da especialização, uma vez que todos os psicólogos dividem da mesma raiz científica – o que é exemplificado a partir da máxima “saber tudo de um pouco”. Isto é, nesse caso, a capacidade do profissional da Psicologia de - independente da sua especialização - ser capaz de desenvolver a parte essencial de sua prática: a escuta e elaboração do conteúdo da população, promovendo desenvolvimento.

Já com relação à politécnica, neste caso, refere-se à capacidade do profissional de se adaptar a diferentes situações em um mesmo contexto, representado pela máxima de “saber um pouco sobre tudo” – ou seja, o profissional da Psicologia, mesmo que ainda no contexto escolar e educacional, de ser capaz de se adaptar às variáveis que tornam daquele contexto em algo único: a população - o que exige deste profissional a capacidade de se adaptar com relação a sua própria especialidade. Isto é, mesmo que o sujeito atendido pelo psicólogo ainda esteja dentro do contexto escolar e educacional, cada sujeito é único, demandando adaptabilidade e generalização com relação aos diferentes contextos históricos e culturais do sujeito.

6.2 A Comunidade Escolar

O meio, como suscitado por Vigotski (2010), se relaciona ao tempo histórico e à cultura que determinam esse ambiente, assim como a sociedade (ou os outros sujeitos) que compõem esse meio - e, não somente ao ambiente físico (espaço) em que o sujeito habita. As variáveis são inúmeras quando analisando o contexto de uma instituição escolar ou de educação, sendo que esta pode variar quanto: sua natureza (como quando falamos sobre

escolas de ensino básico, cursos pré-vestibular, universidades, unidades de internação, etc), quanto com relação à região (que pode ser central, periférica, interiorana. etc), e, sobre o tamanho e capacidade da instituição (no que diz respeito à área e aos recursos disponibilizados para a instituição).

Ainda mais, para além das questões físicas/estruturais, ainda se faz necessária a análise sobre os sujeitos que compõe essas instituições – isto é, um sujeito que está em uma unidade de medida socioeducativa, está ali por razões e com objetivos diferentes de, por exemplo, um sujeito que está frequentando uma escola de educação básica. Os conceitos de meio social e natural também são discutidos em “Psicologia Pedagógica” (2003), como a seguir:

O ambiente também não é algo totalmente estático, rígido e invariável. Pelo contrário, na realidade concreta não existe um meio único. Ele se divide em uma série de fragmentos mais ou menos independentes e isolados uns dos outros, e esses fragmentos podem ser objeto da influência inteligente do ser humano. Em sumo, o meio é para o ser humano o meio social, porque quando aparece, com relação ao homem, como meio natural, sempre estão presentes aspectos sociais determinantes. Em suas relações com o ambiente, o ser humano sempre utiliza sua experiência social.

Todas essas variáveis, quando combinadas, são responsáveis por um ambiente único, que determina a atuação dos profissionais que ali trabalham, assim como seus sujeitos. No caso dos psicólogos escolares e educacionais investigados, é importante ressaltar que, a depender do meio, o trabalho pode variar consideravelmente a depender das demandas impostas por esse meio - por exemplo, quando pensando na atuação profissional em uma Organização Não-Governamental (ONG), o psicólogo dispõe de diferentes demandas e possibilidades de atuação em relação com o profissional atuando em uma universidade. Ou seja, a depender da instituição, os profissionais dispõem de diferentes possibilidades de atuação, sendo interessante compreender quais têm sido essas estratégias e espaços ocupados pela Psicologia Escolar antes mesmo (ou durante) a operacionalização das *Lei nº 13.935* de 2019 e pela *Lei nº 14.819* de 2024. A ideia de que a prática do psicólogo escolar se resume à educação básica e/ou ao aluno é limitante, uma vez que, como na Tabela 2 (abaixo), é possível observar a diversidade na natureza das instituições e populações atendidas pelo psicólogo escolar:

Tabela 3. *Exposição dos resultados relacionados à categoria de meio.*

Nº	Instituições	Participantes
1	Ensino básico	Docentes e Discentes
2	Ensino superior	Discentes
3	Ensino superior	Discentes
4	Unidades de Internação	Discentes e Adolescentes em medida socioeducativa
5	Ensino superior	Docentes, Discentes e Funcionários
6	Curso pré-vestibular	Discentes
7	Ensino básico	Discentes
8	Ensino superior	Discentes
9	Ensino básico	(os próprios) Psicólogos Escolares
10	Ensino básico	Docentes, Discentes e Psicólogos Escolares
11	Ensino básico	Discentes
12	Ensino básico	Docentes
13	Ensino básico	Discentes
14	Ensino superior	Docentes e Coordenadores escolares
15	Ensino superior	Discentes
16	Atendimento Educacional Especializado (AEE)	Docentes
17	Organização Não Governamental	Docentes e Discentes
18	Ensino básico	Grupo de mães (e outros parentes)
19	Ensino básico	(os próprios) Psicólogos Escolares
20	Ensino básico	Equipe multiprofissional
21	Ensino básico	Discentes
22	Ensino básico	Docentes

Essas são as variáveis consideradas com relação ao meio escolar e educacional investigadas pela presente pesquisa, concluindo, portanto, que o psicólogo escolar e educacional enfrenta uma infinidade de contextos, e que sua atuação não se limita, por exemplo, à atuação em escolas de educação básica e com os alunos – isto é, enfatiza-se o meio como aquele composto pela comunidade em relação com o ambiente (natural e social) em determinado recorte histórico, cultural e econômico.

7. CONCLUSÃO

De que forma o trabalho do psicólogo escolar e educacional se integra? Isto é, com a possibilidade e necessidade de implementação deste profissional nas escolas, como se dá (ou se dará) a integração destes profissionais? Como que a prática do psicólogo escolar se une de forma a garantir a qualidade e disponibilidade? Considerando tantos contextos diferentes, como a formação dos profissionais, as leis, as políticas públicas, as demandas escolares, enfim, a resposta é que a prática psicológica pode (e deve) se adaptar a cada contexto para delinear sua intervenção, assim como ressalta Vigotski sobre a discussão do trabalho (especificamente, na discussão sobre os conceitos de profissionalismo e politécnica) em que defende a prática como matriz do conhecimento científico que se dá de forma pragmática e a partir do meio/ambiente, sendo capaz de adaptar a intervenção.

Notamos que o trabalho do psicólogo escolar é composto por uma série de saberes compartilhados (como com a Educação), demonstrando alguns pontos de encontro, como: o estudo do sujeito em desenvolvimento, e as instituições de ensino. O trabalho do psicólogo escolar se desdobra a depender do contexto em que este profissional está inserido, sendo que a luta é pela inserção deste profissional no contexto escolar e educacional, antes de tudo, de forma integral e permanente, podendo participar do cotidiano da instituição, e não como, somente, um prestador de serviços. Desta forma, o trabalho (e prática) da Psicologia e da Educação não se confundem, pois coabitam o mesmo contexto, com diferentes funções e saberes mas que se complementam. A função do psicólogo é também educacional, mas isto não quer dizer que o psicólogo assuma o trabalho de pedagogo/professor (e vice-versa).

Ainda sobre o trabalho do psicólogo escolar, agora, com relação ao meio de atuação, é imensa a diversidade de contextos e situações que esse profissional deve estar disposto (mas não, necessariamente, pronto) para enfrentar. Esse profissional, por vezes, não dispõe da formação (ou especialização) para atuar no contexto escolar e educacional, mas,

ainda assim, por via da necessidade ou da oportunidade, acaba por ingressar no ramo da Educação, e se depara com uma variedade quase infinita de contextos de trabalho, sendo que é aí que se aplica a ideia da politécnica ao contexto da Psicologia Escolar e Educacional. O psicólogo, neste contexto, pode enfrentar demandas de atendimento clínico, avaliação psicológica, orientação profissional, supervisor de políticas de diversidade e inclusão, mediador de dinâmicas de grupo, entre tantas outras possibilidades de atuação. Na maior parte, o proletário desenvolverá dois terços de seu trabalho de forma genérica, e, quiçá, uma terça parte de forma alinhada à especificidade do contexto – desta forma, generalizando a produção e não, necessariamente, atendendo às demandas do mercado, como discutido por Vigotski (2003):

O operário que trabalhava em uma fábrica de garrafas, amanhã se dedica à produção de calçados, depois de amanhã entra em uma fábrica de carros e, com essa passagem de um ramo da produção para o outro, lhe é exigido apenas um desenvolvimento técnico geral mínimo, isto é, a capacidade de operar máquinas; ninguém exige dele conhecimentos especiais e profissionais de nenhum tipo. Por isso, as próprias condições econômicas colocam o operário diante da exigência de ser politécnico, ou seja, em nenhum tipo de produção ele vai além de seus fundamentos gerais, ou sucumbirá na próxima crise. E isso é o que acontece.

Apesar da série de possibilidades de atuação do psicólogo escolar, percebe-se ainda a maioria dos relatos restritos a intervenções pontuais/temporárias, carecendo de registros sobre a atuação de psicólogos escolares e educacionais integrados às instituições de ensino e rede de educação. A terceirização de serviços de psicologia (mesmo que dentro do sistema público) oferece uma possibilidade de auxílio em situações de desastres e emergências (assim como o episódio no estado de SP com a Psicologia Viva durante a Pandemia de COVID-19), porém, estes serviços não substituem a atuação do profissional da Psicologia Escolar e Educacional.

É importante ressaltar que a defesa não é pela adoção de um determinado modelo, mas, neste caso, pela possível ampliação do conceito de atenção psicossocial para a integração entre a Psicologia Escolar e Educacional ao Sistema de Educação - e, não, somente, o psicólogo clínico em visita às escolas de ensino básico. Este regime de implementação de programas por via de licitações temporárias pela parceria entre setor público e privado acabam por comprometer a permanência dos profissionais da Psicologia dentro das escolas,

consequentemente, o vínculo entre o profissional e a comunidade escolar - isto é, os psicólogos devem estar integrados ao Sistema de Educação.

A questão aqui não é que a prática do Sistema de Saúde está equivocada ou incompleta em sua teoria, mas sim apontar que a estratégia (o método) e a formação do psicólogo como profissional da saúde para a rede pública de educação pode ser insuficiente, uma vez que o psicólogo, idealmente, deve ser capacitado para compreender a relação entre o sujeito e os processos educacionais, elaborando (principalmente) políticas de prevenção e de garantia do aluno à educação, por exemplo, no auxílio na elaboração do Plano Educacional Individualizado (PEI) - e, não, necessariamente, no atendimento clínico de alunos em sofrimento. É importante ressaltar que não é o intuito da presente pesquisa criticar o modelo psicoassistencial e/ou o trabalho dos profissionais do SUS ou do SUAS, pelo contrário, o intuito é colaborar com estes profissionais ao, possivelmente, apontar lacunas na integração do profissional de Psicologia ao Sistema de Educação, o que pode acarretar até na sobrecarga do Sistema de Saúde.

É esperado que as análises e conclusões desta dissertação cheguem até alguns responsáveis pela elaboração e operacionalização de políticas públicas, por exemplo, os Grupos de Trabalho Intersetoriais do PSE (Programa Saúde na Escola) (apenas, um dos programas) que foram desenvolvidos a partir da Lei nº 14.819 de 2024 (Brasil, 2024):

- I – descrição das ações e das atividades a serem desenvolvidas no ano letivo, com especificação das metas de consecução;
- II – estratégia de execução das ações e das atividades referidas no inciso I deste parágrafo, com previsão de equipes envolvidas em cada ação ou atividade;
- III – distribuição e detalhamento de competências dos atores envolvidos na consecução do plano de trabalho.

E, para além dos GTI's do PSE, também, para programas como o Psicólogas na Escola etc. é esperado que os resultados alcancem os profissionais da Psicologia e àqueles que tenham interesse na discussão, afinal, como pesquisador, acredito na ciência que se faz entender por todos, facilitando reflexões e decisões pautadas em dados científicos e que acercam o cotidiano.

8. CRONOGRAMA

O cronograma foi elaborado pensando nas etapas para a conclusão do programa de mestrado, contabilizando as principais atividades do pesquisador que foram dispostas em formato de meses - de fevereiro de 2023 até fevereiro de 2025, como a seguir:

Tabela 1. Cronograma de atividades dividido por meses para os anos de 2023.

Atividades	fev. 2023	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
Entrega e adaptação do anteprojeto de mestrado para a realidade do grupo de pesquisas											
Início da pesquisa / ano letivo											
Introdução teórica a partir de referenciais teóricos já conhecidos											
Metodologia (adaptação do método para a realidade do estudo)											
Participação no encontro Postgraduate Meeting											

Tabela 2. Cronograma de atividades dividido por meses para os anos de 2024 até 2025.

Atividades	fev. 2024	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	jan. 2025	fev.
Qualificação													
Escolha dos descritores, partindo de bases de descritores													
Levantamento de produções nas bases de publicações científicas													
Leitura e análise dos resultados													
Discussão dos resultados													
Conclusão													
Elaboração dos slides e outros materiais referentes à defesa													
Defesa													

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Faria, P. M. F. Camargo, D. (2022). Metassíntese: Revisão Sistemática Qualitativa na Área da Educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27
- Marinho-Araújo, C. M. (2010). Psicologia Escolar: Pesquisa e Intervenção. Em Aberto, Brasília, v. 23, n.83.
- Martins, H. C. (2020). Open Science: Os Caminhos da Produção Científica Aberta no Brasil. Blog “SciELO em Perspectiva: Humanas”. Acesso em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2020/02/06/open-science-os-caminhos-da-producao-cientifica-aberta-no-brasil/>
- Martins, L. M., & Eidt, N. M. (2010). TRABALHO E ATIVIDADE: CATEGORIAS DE ANÁLISE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 675-683.
- Martínez, A. M. M. (2010). O Que Pode o Psicólogo Fazer na Escola? Em aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p39-56, mar.
- Marx, K. (2023). O Capital. Boitempo, São Paulo. Terceira Edição. Livro I, Seção III, Capítulo IV.
- Moraes, M. C. de, & Groff, A. R. (2022). LICENCIATURA EM PSICOLOGIA: A DIMENSÃO EDUCATIVA DA PRÁTICA PROFISSIONAL. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022233808>
- Santos, C. M. da C., Pimenta, C. A. de M., & Nobre, M. R. C. (2007). The PICO strategy for the research question construction and evidence search. *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 15(3), 508–511. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692007000300023>
- Vigotski, L. S. (1995). Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. Ediciones Colihue. Versão em espanhol.
- Vigotski, L. S. (2003). *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed.
- Vygotsky, L. S. (1999). On the problem of the psychology of the actor’s creative work. In: The collected works of L. S. Vygotsky. Vol. 6. Scientific legacy. Edited by Robert W. Rieber. New York, Boston, Dordrecht, London, Moscow: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta Aula: A Questão do Meio na Pedologia. PSICOLOGIA USP, São Paulo.

9.1 Referências para artigos selecionados

- Asbahr, F. d. S. F. (2019). Sentido pessoal, atividade de estudo e educação artística: um estudo de caso. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019012457>
- Avila, L. T. G., Frison, L. M. B., & Simão, A. M. V. (2020). PESQUISA-AÇÃO NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PROMOÇÃO DO TRABALHO COLABORATIVO. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020193342>
- Casiraghi, B., & Aragão, J. C. S. (2019). Metodologias orientadas para problemas a partir das etapas do pensamento crítico. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019010902>
- Cassins, A. M. (2007). Manual de psicologia escolar. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado.
- Cunha, G. G., Oliveira, M. C. S. L. d., & Branco, Â. U. (2020). Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação. *Educação e Pesquisa*, 46. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046220197>
- Fernandes Filho, A., & Oltramari, L. C. (2021). PSICOLOGIA ESCOLAR E POPULAÇÃO LGBTI+ NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021236981>
- Hamann, C., Consoni, M., Alcântara, R., Gamalho, A., & Dipp, R. P. (2019). Consultoria em Psicologia Escolar: Relato de Experiência em Curso Pré-Vestibular. *Psicologia Escolar E Educacional*, 23, e188505. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019018505>
- Kranz, C. R., & Campos, H. R. (2020). EDUCAÇÃO ESPECIAL, PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: O DIAGNÓSTICO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020218322>
- Lacaz, C. P. d. C., Telles, M. M., & Santos, M. M. L. (2023). REFLETINDO SOBRE O COTIDIANO ACADÊMICO: UMA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO TECNOLÓGICO DE AERONÁUTICA ACADÊMICO. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-244711>
- Lima, E. N., & Marinho, I. C. (2022). Serviço de Psicologia Escolar na rede municipal de educação de Fortaleza (CE): primeiros resultados. *Práticas Educativas, Memórias E Oralidades - Rev. Pemo*, 4, e47304. <https://doi.org/10.47149/pemo.v.4.7304>
- Lima, M. L. C., Cruz, B. d. A., Lima, L. N. d., & Brandão, D. A. d. S. (2021). DEBATENDO SOBRE MEDICALIZAÇÃO COM DOCENTES EM ESCOLAS PÚBLICAS E

- PRIVADAS. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25.
<https://doi.org/10.1590/2175-35392021222921>
- Martines, E. A. L. de M., Azevedo, S. R. de S., & Leme, M. I. da S. (2022). A ARTE NA (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DO CAMPO. *Psicologia Escolar E Educacional*, 26, e225431.
<https://doi.org/10.1590/2175-35392022225431>
- Mello, A. L. G. D., & Dias, R. de O. (2022). Arte ambiente alteridade: formação inventiva entre universidade e escola básica. *Fractal: Revista De Psicologia*, 34, e6057.
<https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/6057>
- Mendonça, F. L. de R., Silva, D. S. da., Barbosa-Andrade, F. S., & Silva, D. N. H. (2020). MEDIAÇÕES EM SALA DE AULA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ESCOLAS INCLUSIVAS. *Psicologia Escolar E Educacional*, 24, e193222.
<https://doi.org/10.1590/2175-35392020193222>
- Nóbrega, J., Rosa, G., & Pulino, L. (2022). O PROJETO RAÍZES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26.
<https://doi.org/10.1590/2175-35392022230669>
- Peretta, A. A. C. e S., Oliveira, Í. W. M. de, & Lima, L. M. de. (2019). Roda de conversa sobre evasão: a psicologia escolar no ensino superior. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019016484>
- Pinto, G. U., & Amaral, M. H. do. (2019). Formação docente continuada e práticas de ensino no atendimento educacional especializado. *Pro-posições*, 30, e20180032.
<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0032>
- Silva, J. d. P. e., & Alberti, S. (2022). Política e Clínica no Trabalho Possível com Escolas Públicas: Contribuições da Psicanálise Públicas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003e240187>
- Silva, L. S. d., & Szymanski, L. (2020). Crianças e seus diagnósticos no cenário da educação inclusiva: a perspectiva de mães e professoras. *Educação e Pesquisa*, 46.
<https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046225328>
- Silva, M. J. d., & Souza, M. P. R. d. (2023). Psicólogas(os) no Sistema Educacional de Boa Vista/Roraima: Concepções, Práticas e Desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003244202>

- Souza, A. C. (2020). Interfaces entre Psicologia, Educação e Saúde - um relato de prática profissional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020211527>
- Tavares, V. d. S., & Melo, R. B. d. (2019). Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais? *Psicologia Escolar e Educacional*, 23. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>
- Wiles, J. M., & Ferrari, A. G. (2020). DO CUIDADO COM O BEBÊ AO CUIDADO COM O EDUCADOR. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020213976>